AMÉRICO SUCENA

Com ilustrações de Rogério Soud

Falando com os ESPÍRITOS

Recepção, atendimento e encaminhamento de desencarnados

MYTHOS BOOKS

4ª edição

Como é possível conduzir uma conversa sem saber exatamente quem está do outro lado da "linha"? Essa é uma dificuldade real, enfrentada por todos os que não possuem grande sensibilidade mediúnica e trabalham no encaminhamento espiritual contando apenas com a intuição.

A presente obra tem foco direcionado: o "varejo" no atendimento de espíritos que se apresentam em dificuldades nas reuniões mediúnicas, estejam eles contrariados, sendo perseguidos, agindo como perseguidores ou vivendo diversas outras situações.

Trazendo dicas, casos e técnicas de abordagem basedas nas experiências que o autor tem vivido ao longo de décadas, o livro em suas mãos representa um valioso documento para melhorar a eficácia na recepção e encaminhamento de irmãos desencarnados.

Sem a preocupação de trabalhar com receitas prontas e usando a psicologia do amor, *Falando com os Espíritos* está dividido em capítulos compactos, objetivos e didáticos, todos de muita utilidade para reciclar ou preparar esclarecedores. A obra também faz uso de bem-humoradas ilustrações para facilitar ainda mais o entendimento.

Falando com os ESPÍRITOS

RECEPÇÃO, ATENDIMENTO E ENCAMINHAMENTO DE DESENCARNADOS

Dicas, técnicas e casos – com ilustrações de Rogério Soud

Américo Sucena

CENTRO ESPÍRITA LUZ E TRA
TESOUREIRO
PRESIDENTE

MYTHOS BOOKS

Título da Obra
FALANDO COM OS ESPÍRITOS – RECEPÇÃO, ATENDIMENTO
E ENCAMINHAMENTO DE DESENCARNADOS

Autor
AMÉRICO SUCENA

© 2010 Mythos Editora Ltda.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio (escrito ou eletrônico) sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Diagramação
FLÁVIO F. SOAREZ
Revisão
JULIANA BISCARDI
Ilustrações
ROGÉRIO SOUD

Distribuição e Clubes do Livro
ADRIANA FERREIRA SILVA COSTA
adriana@mythoseditora.com.br

Atendimento ao leitor
BÁRBARA LOPES
atendimentoaoleitor@mythoseditora.com.br

Este livro foi impresso na Yangraf Gráfica e Editora

Mythos Editora Ltda.
Av. Diógenes Ribeiro de Lima, 753 – São Paulo – SP – CEP: 05458-001
Tel.: (11) 3021-6607
www.mythoseditora.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sucena, Américo
Falando como os espíritos : recepção, atendimento e encaminhamento : dicas, técnicas e casos, com ilustrações / Américo Sucena. -- São Paulo : Mythos Editora, 2010.

1. Espíritos 2. Orientação espiritual 3. Perguntas e respostas 4. Vida espiritual I. Título.

08-08346 CDD-133.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Comunicação com espíritos : Fenômenos psíquicos : Parapsicologia 133.8

ESPÍRITA LUZ E TRABALHO
REIRO

Obsessores visíveis e invisíveis são nossas próprias obras, espinheiros plantados por nossas mãos. Endereça-lhes, assim, a boa palavra ou o bom pensamento, sempre que preciso, mas não lhes negue paciência e trabalho, amor e sacrifício, porque só a força do exemplo levanta e reedifica, ante o Sol do futuro.

Emmanuel, *Seara dos Médiuns*, F.C. Xavier, FEB

Se a evocação dos homens ilustres, dos Espíritos superiores, é eminentemente proveitosa, pelos ensinamentos que eles nos dão, a dos Espíritos vulgares não o é menos, embora esses Espíritos sejam incapazes de resolver as questões de grande alcance.

Allan Kardec, *O Livro dos Médiuns*, capítulo 29, item 344

Agradecimentos

CENTRO ESPÍRITA LUZ E TRABALHO
PRESIDENTE
TESOUREIRO

Ari Andrioli *(in memorian)*

Stig Roland Ibsen *(in memorian)*

Ivo Peres *(in memorian)*

Mara Sucena, com quem aprendi muito na troca de ideias

Aglaê Silveira, com quem tivemos oportunidade de aprender noções de Psicologia

Carlos Augusto Abranches, por nos convidar, em 2001, a fazer o primeiro seminário do *Falando com os Espíritos*, em São José dos Campos

Rogério Soud, desenhista e cartunista, pela qualidade e criatividade nos desenhos que fez para este trabalho, levando aos participantes do Seminário, e agora ao leitor, momentos de bom humor

Ivan Renê Franzolin e Orson Peter Carrara, que me motivaram para que eu (finalmente) publicasse este trabalho

Aos trabalhadores em tarefas de atendimento espiritual da Sociedade Espírita Mãos Unidas, que nos proporcionaram inúmeras experiências

Aos espíritos necessitados e anônimos que atendemos durante esses anos e que nos ajudaram a entender determinadas situações do atendimento

Índice

Prefácio 9

Introdução 11

Capítulo 1 – Separando as partes 15
Recepção, Histórico, Propostas e Encaminhamento

Capítulo 2 – Técnicas 27

Capítulo 3 – Sinais 43

Capítulo 4 – Tipos de Espíritos 51

Capítulo 5 – Casos 71

Capítulo 6 – Harmonia 87

Bibliografia 95

Ilustrações 96

PREFÁCIO

ATENDIMENTO AOS ESPÍRITOS

São notórios os benefícios do diálogo no atendimento aos espíritos em dificuldades, recepcionados nas reuniões mediúnicas espíritas de nossas instituições.

Como, no entanto, recepcionar e encaminhar com eficiência?

Quais os métodos recomendados para a eficiência de uma reunião mediúnica de socorro aos desencarnados? Não há dúvida de que são aqueles recomendados pela Doutrina Espírita, nos quais o amor ao semelhante é a diretriz que nos deve nortear.

A literatura espírita apresenta rico material colhido nas experiências de diálogos com espíritos, traduzido em romances expressivos, obras de referência como as ditadas pelos Espíritos André Luiz e Manoel Philomeno de Miranda, para ficarmos em apenas dois exemplos, dentre os tantos existentes, até mesmo a experiência de conceituados médiuns de nossa atualidade.

Mas e na prática propriamente dita?

Como atender espíritos que não conseguem se expressar ou fixados em momentos de traumas no instante da desencarnação ou oriundos de mágoas guardadas ou desejos de vingança contra desafetos? Como atender o desespero, a cegueira, a violência, o silêncio, a ironia? E como agir com acidentados, suicidas, dirigentes trevosos ou pseudomentores e mesmo com polemistas, obsessores, perseguidos, etc., e os que tentam tomar tempo da reunião?

São os desafios dos esclarecedores de nossas reuniões mediúnicas de atendimento. E, ao mesmo tempo, como administrar condutas inadequadas de médiuns e integrantes dessas reuniões? E, por outro lado, quais as condutas mais adequadas para dirigentes e participantes de uma reunião mediúnica?

São perguntas que se somam, dentre as alegrias e dificuldades de condução e os aprendizados proporcionados por uma reunião mediúnica espírita.

O leitor tem em mãos, todavia, uma obra que faltava na literatura espírita.

Fruto da experiência pessoal do autor e dos seminários ministrados em diversas instituições, esta obra apresenta dicas, técnicas e comoventes casos de atendimento aos espíritos em diferentes dificuldades.

Sem preocupações de receitas prontas, a experiência pessoal do esclarecedor que assina o presente trabalho usa a psicologia do amor para atender os espíritos, dividindo o livro em capítulos compactos e didáticos de muita utilidade para reciclar ou preparar esclarecedores.

Os diálogos transcritos comovem pela observação real de que o mais importante é liberar o espírito do condicionamento que trava sua libertação, antes de tentar convencê-lo, doutriná-lo, ou pretender que ele conheça a própria realidade em minutos de atendimento.

Por outro lado, a descontração do autor é notável ao trazer uma lista de comportamentos inadequados, representados por personagens criadas especialmente para comparar tais condutas, e que igualmente trazem a experiência do próprio aprendizado do autor, ao longo das décadas no abençoado labor de esclarecimento.

Com ilustrações e sugestões, este é um oportuno lançamento pelo ineditismo da proposta em termos de obra publicada e de uma experiência própria traduzida em textos compondo um livro.

Importante, porém, que o leitor aprecie a *Introdução*, um relevante referencial para a compreensão da salutar proposta.

Bom proveito, leitor.

Matão (SP), maio de 2008.
Orson Peter Carrara
Escritor e palestrante espírita

INTRODUÇÃO

Em fins da década de 1960, comecei no atendimento a espíritos desencarnados, sentindo muita dificuldade para 'esclarecê-los', daí a proposta desta obra, com a intenção de suavizar o caminho daqueles que se propõem a essa tarefa.

No final de 1999, o livro *Falando com os Espíritos* estava concluído, porém havia a necessidade de testá-lo; foi então que surgiu a oportunidade de um Seminário de três horas, que posteriormente passou para 12, divididas em módulos.

Após os testes, finalmente a obra está concretizada, por meio de experiências que, gostaria de frisar, são pessoais, e não têm a intenção de ser definitivas.

Apesar de o trabalho ter sido desenvolvido para esclarecedores(as), serve também aos outros participantes do grupo, sejam médiuns falantes ou de colaboração fluídica, até porque no futuro pode ser que alguém migre de função para o esclarecimento.

É claro que o Seminário não é feito em 12 horas seguidas, mas em módulos de três horas, e recomendo que se deem com um intervalo mínimo de um mês, para que as informações sejam assimiladas na prática.

Para resumo da conversa, o livro mudou totalmente. Tenho impressão de que, se não editar logo, vou ter de escrever outro com mais alterações.

O livro tem foco no esclarecedor e em como se poderia conduzir uma conversa, sem saber exatamente quem está do outro lado da "linha". Uma dificul-

dade que deve ser vencida para quem (como eu) não tem muita sensibilidade mediúnica a não ser uma "leve" intuição.

E antes de passar ao primeiro capítulo, vamos a algumas considerações que, aliás, fazemos sempre ao início do primeiro módulo do Seminário:

— Esta é uma experiência só, a minha. Mas existem outras.

— Costumo dizer que um esclarecedor não faz "nada" de errado. Assim como uma criança que está aprendendo a andar não é taxada de incompetente porque cai. 'Cair' faz parte de qualquer processo de aprendizado. Aliás, esta é, com grande chance de acerto, a primeira encarnação em que os chamados esclarecedores fazem este trabalho.

— Não recomendo o uso do termo doutrinador, preferindo o usado pelo Espírito André Luiz na obra Desobsessão, *"esclarecedor". Na verdade, ninguém nessa tarefa pretende doutrinar alguém, mas esclarecer quanto a dúvidas ou posturas.*

— Como esclarecedor, eu já fiz "de tudo". E isso me deixa à vontade para recomendar ou não esse ou aquele procedimento. Eu escrevi apenas... recomendar.

— Nesses anos todos, nenhum mentor ao final da reunião reclamou comigo por eu ter dito isso ou aquilo.

— Quem não concordar com o que está escrito aqui, no todo ou em parte, não se preocupe, é só não usar.

— Mas se achar que há algo proveitoso no que foi escrito, não tente fazer que os outros façam desse jeito, a menos que você seja a Diretora ou o Diretor Doutrinário da sua Casa.

OUTRAS RECOMENDAÇÕES

No livro *Desobsessão,* há a proposta de que a reunião não tenha a participação do público para não expor a dor e os problemas alheios. Segundo

André Luiz, os "doentes" e seus acompanhantes podem ser admitidos por momentos rápidos, antes do início dos trabalhos. Recebem passes e orientação e depois se retiram do recinto.

Também há o risco de um espírito perseguidor, falando por um médium, se dirigir a um 'perseguido' que esteja no recinto da reunião e fazer ameaças, por exemplo. Como um frequentador sem maiores conhecimentos receberia essa ameaça?

Vamos adotar também uma convenção para distinguir o que o esclarecedor diz do que o espírito responde. O discurso do esclarecedor será apresentado com a "mesma letra do texto", os comentários estarão entre parênteses e a *resposta do espírito, em itálico*.

Ainda uma outra simplificação: ao nos referir aos esclarecedores, usaremos apenas o masculino, o mesmo acontecendo com os espíritos que se comunicam, a menos que seja relevante indicar o sexo.

Quando nos referimos aos espíritos que ajudam, vamos chamá-los de mentores.

O livro não leva em conta o arranjo físico que se utiliza para fazer o trabalho de atendimento. Pode ser em torno de uma mesa ou em um círculo de cadeiras.

Todos os atendimentos citados no livro são casos reais.

Os encaminhamentos realizados não são definitivos e podem ser melhorados sempre e adaptados a cada novo espírito necessitado. Se os caríssimos leitores desejarem contribuir, o e-mail para contato é: americosucena@uol.com.br.

E deixo aqui uma frase de Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.) para as nossas reflexões: "Somos o que repetidamente fazemos. A excelência, portanto, é um hábito."

O autor.

CAPÍTULO 1

SEPARANDO EM PARTES

— Recepção
— Histórico
— Propostas
— Encaminhamento

O atendimento aos espíritos pode ser dividido assim: **Recepção, Histórico, Propostas** e **Encaminhamento**.

1— RECEPÇÃO

Nesse primeiro momento do atendimento, são comuns as seguintes referências:

Boa noite;
Meu irmão;
Você está numa Casa Espírita;
Seja bem-vindo;
Meu querido;
Em nome de Jesus.

Estas e outras variações são muito usuais. Vamos considerar cada uma isoladamente para verificar se são adequadas ou não. Não diríamos que são procedimentos errados, porque, ao longo da conversa, elas até podem ser ditas. Mas... cuidado!

Boa noite

Posso falar isso? Costumo perguntar no Seminário. As pessoas que trabalham como esclarecedores quase sempre acham que não é bom fazer essa referência. E ao perguntarmos o porquê, dizem que o espírito pode estar num outro tempo. Como é isso? Kardec nos ensinou que os fenômenos espíritas precisam ser observados para tirarmos deles as leis e consequências necessárias ao nosso entendimento. A prática nos ensinou que diversas vezes o espírito está num tempo que não é aquele em que se está realizando a reunião. Portanto, é melhor não fazer referência temporal.

Meu irmão

Essa outra referência também não é adequada, a menos que o esclarecedor esteja vendo o espírito e tenha uma ideia exata de sua sexualidade.

Quando erramos o sexo do espírito, estamos dizendo a ele (sem dizer) que não o enxergamos, e, em consequência, provocarmos uma situação difícil. O melhor a fazer é não adjetivar o espírito que começa a falar e do qual não temos a menor ideia de quem seja antes que ele nos dê uma indicação precisa se é homem ou mulher. Atenção: a voz do espírito é a voz do médium, e não uma indicação precisa do sexo de quem se comunica, salvo exceções. O ideal é fazer o uso do pronome de tratamento: você. Usando "você", não há como errar.

Certa feita, um perseguidor (sexo masculino na encarnação imediatamente anterior) é confundido com uma mulher pelo esclarecedor e acaba ouvindo uma "bronca": "— Tu tá me estranhando, é?". O médium, sob influência do espírito, chegou a virar de lado para encarar o descuidado esclarecedor.

Um espírito pode reclamar também, dizendo que, se nem nos conhece, como pode ser irmão?

Você está numa Casa Espírita

Também não é uma citação adequada, pois a grande maioria dos espíritos não é espírita e pode mesmo ter outra crença. Na hipótese de essa crença encarar a nossa como sendo do "demônio", vai se criar uma barreira na comunicação. Até conseguir explicar a situação, vamos gastar tempo numa conversa que não é essencial para quem deseja ajudar o comunicante. Há ainda o fato de o espírito estar mentalmente fixado numa outra região e não perceber que está numa sala de reunião. Voltaremos a esse assunto adiante.

Seja bem-vindo

À semelhança do "meu irmão", a adjetivação está admitindo de início (e o espírito quase sempre não falou nada ainda) que o espírito é de homem. Por que não... seja bem-vinda? Considere-se ainda o fato de que o espírito comunicante pode estar ali contra a sua vontade (provisoriamente), e não se considerar bem-vindo ou bem-vinda. Pode acontecer também que a percepção do comunicante esteja em outro local e, se é assim, como ele pode ser bem-vindo, se quem está 'chegando' é o esclarecedor?

Meu querido

As adjetivações também devem ser evitadas de início, pois, além de explicitar o sexo quando o adjetivo não é uniforme, também podem causar ruído na comunicação, sobretudo quando o comunicante é um perseguidor. Ele pode dizer que não é querido coisa nenhuma.

Em nome de Jesus

Exigir que o espírito fale em nome de Jesus também pode provocar situações difíceis caso o comunicante tenha outro profeta de preferência. Eu não quero dizer que não se possa falar de Jesus. Se durante a conversa surgir a oportunidade, podemos e devemos falar de Jesus. Mas, no início do processo, sem ter ideia de qual é a religião do comunicante, é melhor não fazê-lo.

O que devo falar?

Nessa altura do capítulo, o leitor está perguntando: o que devo falar?

A **Recepção** dever ser a menos comprometedora possível. Algo como: "podemos conversar?", "posso ajudar?", e variações em torno dessas locuções são mais adequadas. Mesmo assim, veremos mais à frente que nem mesmo essas referências são sempre válidas.

Noção de espaço físico do espírito

Mas voltemos ao assunto da localização. Sabemos que espíritos comunicantes podem fixar um local na mente que se torna uma realidade a ponto de não notarem sua transferência para o atendimento numa reunião. Nasce daí um cuidado que o esclarecedor deve ter quando investiga a procedência do comunicante. Quando um espírito diz que está em algum lugar, devemos aceitar sua referência de espaço. Dizer a ele que não está mais no lugar em que estava,

sem que se faça a devida transição pode criar dificuldades na comunicação. Às vezes, é preciso insistir e se gasta muito tempo para que o espírito perceba onde está. O esclarecedor diz que ele não está mais 'lá' e o espírito insiste que está. A experiência nos mostrou que é mais fácil aceitar sua localização espacial e oferecer-se para tirá-lo de 'lá'. Há um grande número de situações e seria difícil aqui relacionar todas elas, mas vejamos algumas:

Enterrado até o pescoço;
Preso a uma cela;
Na cama de um hospital;
Na varanda de sua casa;
À janela;
Na rua;
Etc.

Detectada a percepção espacial do espírito antes de retirá-lo do local, é preciso perguntar se ele tem interesse de que se faça isso. Naturalmente, é preciso oferecer uma alternativa que seja também do interesse do espírito. Caso ele queira mudar de local, pergunte se pode se locomover (é importante verificar isso, pois, se não puder e houver algum impedimento que o esclarecedor não saiba, fica desagradável não ter percebido). Confirmada a possibilidade, dê-lhe a mão, e aí alguém fará isso em seu lugar como se fosse você, porque não temos acesso ao perispírito que está em outra dimensão e densidade. Depois, com palavras como "vamos por aqui", "continue", "estamos indo", os espíritos que conduzem o trabalho darão a ele a sensação de deslocamento virtual necessária. Na hipótese de o espírito não poder andar, diga que vai carregá-lo no colo, ou que alguém irá ajudá-lo com uma cadeira de rodas, maca, etc. Não toque no médium. Os bons espíritos darão a ele essa sensação. É só conferir da próxima vez que você fizer o atendimento.

Ainda a noção de espaço

Agora falemos um pouco de quando o espírito se vê na sala de trabalho do centro, mas não sabe que lugar é. Já vimos que não é conveniente explicitar que ele está numa Casa Espírita logo de início e às vezes nem durante e nem no final da conversa. Costumamos usar o lugar mais neutro possível quando

alguém nos pergunta: *"Que lugar é esse?"* "É uma casa de serviço". *"O que vocês fazem aqui?"* "Do que você precisa?" Lembre-se: você é, antes de tudo, um 'terapeuta' e, como não temos muito tempo, é preciso ir direto à necessidade central do espírito.

O uso do pronome de tratamento — você

Costumamos usar a terceira pessoa para não correr o risco de confundir o comunicante sobre sua sexualidade. É preciso cuidado também para não escorregar fazendo perguntas usando um adjetivo masculino ou feminino (ex.: por que você está cansado ou cansada?), o que equivale a chamá-lo de 'meu irmão' ou 'minha irmã'.

Mas alguns esclarecedores dizem ter dificuldade e precisam saber qual é o sexo para fazer um melhor atendimento. Antes é bom comentar que médiuns iniciantes têm dificuldades de percepção até de se o espírito é homem ou mulher. Mas, mesmo quando sabem, fica difícil dizer isso ao esclarecedor que está atendendo. A ajuda pode vir espontânea quando surge um adjetivo que não é uniforme, como: — "Estou tão cansada!" A partir daí, o esclarecedor pode usar adjetivos femininos.

Mas quando isso não acontece, é possível provocar o adjetivo que ajude a descobrir se o espírito é homem ou mulher. A técnica consiste em usar uma pergunta com um substantivo, tentando obter uma resposta com o adjetivo correspondente.

Se o espírito estiver ofegante, pode-se perguntar: "Por que você está com esse cansaço?" É verdade que o espírito pode responder: *"Porque eu vim correndo"*. E aí você fica na mesma. É nessa hora que o médium pode e deve interferir, dizendo: *"Eu estou <u>cansado</u> ou eu estou <u>cansada</u> porque vim correndo"*.

No caso de o espírito estar aflito (a), pergunte: "Por que você está com essa aflição toda?" e espere que o espírito responda: *"Eu estou <u>aflito</u> ou <u>aflita</u> porque..."*.

Nem "posso ajudar?" nem "podemos conversar?"

Caso o espírito comece dizendo alguma coisa, responda no sentido de dar continuidade à conversa. Por exemplo: *"Nossa, alguém pode me dizer o que está acontecendo?"*. O esclarecedor pode continuar a conversa com: "Você pode me dizer o que você está estranhando?", sem a necessidade da pergunta "Posso ajudar?".

2A— HISTÓRICO

Eis a parte mais importante da comunicação de um espírito necessitado, seja ele recém-desencarnado, refém-desencarnado ou perseguidor. Outras situações são variações desses três tipos de espíritos.

RECÉM-DESENCARNADO – quase sempre não sabe que desencarnou nem onde está. Às vezes desconfia que haja algo errado.

REFÉM-DESENCARNADO – já conhece sua situação de espírito, e está sob domínio de perseguidores por alguma razão.

PERSEGUIDOR – autoexplicativo.

À semelhança da anamnese que os médicos e terapeutas fazem, o esclarecedor deve fazer também. No livro *Os Mensageiros,* de André Luiz, o espírito de Aniceto lembra que, para ajudar com eficiência, é preciso saber o mais exatamente possível qual é o problema. Não se pode ajudar alguém sem saber o que melhor pode ser feito.

Nessa etapa, é importante obter informações que possam dar uma ideia da necessidade central do espírito.

É comum encontrar pessoas que, ao contar uma experiência, o fazem de maneira confusa, porque não têm bom grau de ordenação mental. Como isso pode também acontecer com os espíritos, faça perguntas no sentido de esclarecer a si mesmo sobre o assunto relatado. Mas lembre-se: faça perguntas sobre a história e/ou a situação que o espírito está contando.

2B— HISTÓRICO DE CRISE

Quando um espírito está em crise face a uma morte traumática, ele apaga do consciente o que lhe aconteceu. Vemos nesse fato pelos menos duas razões. A primeira é que não fomos preparados ao longo das reencarnações para enfrentar a morte como fato natural e que dá continuidade à vida. A segunda é que não gostamos de enfrentá-la. Assim, o espírito desencarna de modo traumático e continua repetindo na mente a sequência da cena difícil como se fosse um pensamento em circuito fechado.

Curiosamente, apaga da memória o fato de ter morrido para não enfrentar a situação adversa. E repete sempre o início do processo, por incrível que possa parecer, para ver se alguém o salva da morte.

Num determinado atendimento, o espírito dizia o seguinte: *"Lá vem a onda... lá vem a onda... eu vou morrer"*. Conhecendo o mecanismo, o esclarecedor esperou mais uma vez antes de falar qualquer coisa, e o espírito, depois de uma pausa, disse novamente a frase: *"Lá vem a onda... lá vem a onda... eu vou morrer"*. Não fazemos ideia de quantas vezes isso se repetiu na mente enfermiça do espírito, mas não foram poucas. Antes da terceira repetição, o esclarecedor, com firmeza de salva-vidas, disse: "Respire fundo até a onda passar, vamos" (e respirou fundo). Passados alguns instantes, retomou a conversa, dizendo: "Vim salvar você". *"Meu amigo, nessa tempestade, vamos morrer juntos."* Nesse instante, a frase-chave foi dita. "Eu estou amarrado e preso a um barco que está próximo. Vou agarrar você. Me avise quando sentir firmeza" (técnica da transferência, que será explicada mais adiante). A essa altura, o espírito confiou. Após o socorro, pode-se dizer ao espírito que ele está salvo? Como morte não mata ninguém, só muda de 'lado', diga "sim", que ele está salvo. Só não diga de que lado está, a menos que ele pergunte. O espírito terá tempo suficiente para descobrir.

3— PROPOSTAS

Necessidade central

André Luiz, no livro *Nos Domínios da Mediunidade,* publicado em 1956, relata um curso prático com o espírito Aulus, que esteve encarnado no tempo de Mesmer, estudando o magnetismo, e depois no tempo de Kardec, estudando o Espiritismo e a mediunidade. O livro conta uma semana de estudos e observações práticas mediúnicas. Mergulhando no assunto, André só voltou a escrever sobre o tema no livro *Desobsessão,* publicado em 1964.

Nessa obra, André recomenda atender à necessidade central do espírito. A recomendação se deve ao fato de que um esclarecedor tem cerca de dez ou 15 minutos para um atendimento e, portanto, é necessário ir direto ao ponto.

Mas, para isso, é preciso ter uma ideia suficientemente clara da situação do espírito. É claro que me refiro a espíritos que não se importam em falar de seus problemas. Os que não querem falar serão examinados mais à frente.

Ouvir é uma habilidade que um esclarecedor precisa desenvolver. Não é escutar, é ouvir. E ouvir bem é prestar muita atenção no que o espírito está dizendo para fazermos uma ideia do que é melhor lhe falar. Certa feita, um perseguidor disse que estava muito bravo. Em vez de o esclarecedor perguntar o porquê, disse que ia orar para o espírito se acalmar. Não que não seja válido

orar. Mas o espírito reagiu imediatamente à postura, dizendo que ele e seus companheiros não estavam ali para aquilo. O esclarecedor insistiu dizendo que, se ele não queria oração, os demais queriam (como é que o esclarecedor sabe disso?). E pela segunda vez ouviu que eles não queriam rezar. Todo esclarecedor precisa aprender a contornar situações para atingir seus objetivos à semelhança de um rio, conforme nos ensina André Luiz. Criar empatia com o comunicante, ceder em alguns pontos e testar outras possibilidades são recursos importantes.

Caso a necessidade central do espírito comunicante tenha sido atendida e ainda haja tempo, verifique se há outras necessidades. Mas se o tempo se esgotou, encaminhe para alguém que possa atendê-lo na vida espiritual.

Nem sempre a necessidade central é perceptível, como, por exemplo, um forte complexo de culpa, um suicídio, uma tragédia, etc. Nesses casos, só a experiência e o tempo nos habilitam diante de quadros mais complexos da mente humana.

4— ENCAMINHAMENTO

No livro *Desobsessão,* André Luiz apresenta duas situações possíveis. Encaminhar para alguém que continue o atendimento ou sedar o espírito em caso de não aceitação do atendimento.

Encaminhar para alguém

Não se deve (poder, pode) encaminhar um espírito assim como fiz há algum tempo: "Agora vá e siga por este caminho que se abre à sua frente". O espírito disse: *"Moço... tô vendo caminho, não".*

Devemos sempre encaminhar para alguém, pois não temos a ilusão de que os esclarecedores fazem tudo. Processos que levam anos, dezenas, centenas de anos, não tornam possível que um espírito saia sem continuidade de tratamento de uma situação dessas. Se não for para continuidade do tratamento, será para melhorar o entendimento.

Uma tarefa de tratamento espiritual aqui na Terra é mais importante pela contribuição fluídica densa dos encarnados do que pelo ato de esclarecer.

É bom lembrar que, antes de Kardec, o atendimento aos espíritos sempre foi feito na vida espiritual, e muitos continuam sendo feitos lá. Apenas lembrando Jesus: "Deixai aos mortos que enterrem seus mortos". Na obra de André Luiz, há vários relatos a respeito. Mas os espíritos quiseram que trocás-

semos experiências entre os dois ou mais planos da vida. Fazemos o que se costuma chamar de primeiros socorros. E isso porque não temos a totalidade dos esclarecimentos a respeito do caso. E quem não sabe toda a história do espírito não pode ajudar com eficiência, conforme nos lembra Aniceto em *Os Mensageiros*.

O espírito vê alguém

Admitindo que o espírito aceitou a proposta, antes de encaminhar, é preciso saber o quanto o espírito enxerga do ambiente.

Atenção, pois ele pode se achar no espaço da reunião, ou num outro lugar.

Use a pergunta para saber o quanto o espírito vê, sem dizer o que ele vai ver.

Vamos supor primeiramente que ele está vendo alguém. Pergunte então se ele conhece. Em caso afirmativo, encaminhe. Caso não conheça, pergunte se parece alguém confiável. Se for confiável, encaminhe.

O leitor pode perguntar: "Mas por que tanta pergunta?". Conto sempre uma situação que vivi quando, ao confirmar que o espírito estava vendo alguém, eu disse: "Então, vá com ele". Ato contínuo, ele respondeu: *"Você está doido? É ele quem me persegue"*. Depois dessa, aprendi a conferir sempre antes de encaminhar.

O espírito não vê ninguém

Caso ele não enxergue ninguém, é preciso melhorar as percepções visuais. Avise que ele vai receber recursos para enxergar melhor e aguarde um tempo para que os mentores providenciem. Você pode dizer, por exemplo, que a região dos olhos vai esquentar um pouco, e de vez em quando pergunte o que ele está sentindo.

Passados alguns instantes, pergunte o que ele vê. Se ele estiver vendo alguém, confirme e encaminhe. Na hipótese de não estar vendo, pergunte se ele ouve.

Se ele ouvir, peça que diga o que ele está ouvindo e, na hipótese de a voz ser amigável, diga que ele pode acompanhá-la até que melhore as próprias percepções.

Na hipótese de o espírito não enxergar nem ouvir alguém, peça que ele fique atento ao toque. Dê-lhe um tempo para isso. Depois, peça que explique como é esse toque.

Verificado que alguém o abraça ou o toca suavemente, encaminhe, alertando que suas percepções vão melhorar depois.

Encaminhamento para tratamento

Em muitos casos, os espíritos precisam de tratamento médico; diga a eles que alguém deve acomodá-los em um leito, por exemplo.

Sedação

Caso o espírito esteja muito agitado e não queira conversa de jeito nenhum, podemos dizer que não temos a autorização para liberá-lo, mas vamos chamar alguém que converse com ele nesse sentido. Tal providência aumenta a chance de ele conversar com alguém que não o esclarecedor encarnado. Se ainda assim ele não se comportar adequadamente, é bom acionar a sedação. Quem faz isso são os mentores que conduzem a reunião.

No próximo capítulo, vamos falar da Técnica da Tela Mental, que é uma recomendação do Espírito André Luiz também para esses casos.

E se o espírito foi bem-atendido, peço que agradeça a Jesus?

Este assunto é polêmico, mas posso dar a minha opinião. Vamos a ela.

Nem Jesus exigia agradecimento das pessoas curadas por Ele. E por que isso? Porque um agradecimento que não parte de quem agradece, mas do que ajuda, não tem o mérito de quem foi ajudado. Quando um espírito toma a iniciativa de agradecer, por favor, agradeça junto com ele. Mas se é o esclarecedor que diz que ele tem de... Lá se vai o mérito por água abaixo, e é por isso que na mensagem final da mentoria, às vezes, um espírito que foi atendido no grupo volta para agradecer. Aí, sim, ele compreendeu a ajuda que teve e volta para agradecer com convicção. É isso que vale.

CAPÍTULO 2

— Técnicas

Relacionamos aqui algumas técnicas para uso e experimentação dos leitores afetos à tarefa de esclarecer, lembrando que, como os espíritos são diferentes entre si, têm experiências diferentes. Uma determinada técnica usada com um pode não servir para outro. Se uma técnica não está funcionando, mude, invente, faça alguma coisa no sentido de alcançar a necessidade do espírito sem grandes complicações.

— Não julgar

Esta técnica foi utilizada e recomendada por Jesus de Nazaré. Não há nada mais poderoso do que o reforço positivo.

Exemplo de não julgamento

O espírito era um homem maduro e frequentador de "baladas". Observe o diálogo que se seguiu:

— *Nossa, o que aconteceu?*

(uma pergunta como essa não deve ser respondida por enquanto, pois não há como saber o que aconteceu nesse primeiro instante; faça outra pergunta)

— Como você se sente?

— *Bem... eu estava dançando e de repente estou aqui nessa enfermaria.*

(agora o espírito diz que está na enfermaria; siga nessa linha do atendimento na enfermaria)

— Você estava dançando?

(tentativa do esclarecedor em saber onde e como as coisas aconteceram)

— *Eu adoro "baladas" e venho aqui sempre que posso. Mas não sabia que existia uma enfermaria.*

(não tente explicar isso. Faça de conta que existe a enfermaria e pronto. Você não está mentindo, pois foi o espírito que deu a explicação)

— Então você está sempre por aqui?

(nova tentativa de tirar mais informações do espírito)

— *Sabe como é, para aguentar tantas noitadas, eu tomo "umas pastilhinhas" de vez em quando.*

— Você toma estimulantes, é isso?

— *É, e também umas bebidinhas para descontrair.*

— E você nunca se sentiu mal?

— *Eu nunca. Mas tem colega aí que não aguenta quase nada... passa mal...*

— Você nunca passou mal?

— *Eu sou forte, cara. Nunca me aconteceu nada.*

— Já pensou na hipótese de um dia isso acontecer?

— *Eeeee... o que você está querendo dizer... aconteceu alguma coisa... é por isso estou aqui na enfermaria?*

— Foi exatamente isso o que aconteceu.

— *Nossa, por isso eu vim parar aqui?*

— Sim.

— *Que loucura, cara. Acho que preciso tomar mais cuidado!*

— Isso seria bom.

— *Ué, tem mais gente aqui com você? Quem são eles?*

— Trabalham aqui na enfermaria.

— *Mas eles têm um jeito diferente.*

— Qual é a diferença que você observa?

— *Eles parecem... transparentes!!! Acho que eu estou ficando louco.*

— Não... não está.

— *Mas então o que está acontecendo?*

— Em que condições as pessoas ficam "transparentes"?

— *Só se viraram fantasmas.*

— E em que condições alguém vira fantasma?

— *Só se morrer.*

— Você acredita nessa hipótese?

(o espírito tinha bom entendimento e clareza de raciocínio, o que nem sempre acontece)

— *Você quer dizer que eu morri também?*

(o espírito está lúcido quanto à sua condição, chegando ele mesmo a essa conclusão, não há por que esconder a realidade)

— Sim, na verdade você mudou de lado.

— *Nossa, cara, que maluquice..... E agora, o que eu faço?*

— Alguém deve se aproximar para explicar a você como as coisas funcionam na vida espiritual.

— *Meu... o pai está aqui!!!..... Diz que veio me buscar.*

— Então vá com ele. Vocês têm muito a conversar.

Após o término dos trabalhos, na parte dos comentários sobre os atendimentos, a médium que recebeu este espírito pediu licença para registrar um pensamento que não foi externado por ele. Ele gostou do esclarecedor e sentiu muita confiança porque, em nenhum instante, foi acusado por ter tomado estimulantes, bebido, ou por gastar suas energias seguidamente nas baladas; foi apenas atendido na sua necessidade.

— Focar a solução

O esclarecedor deve concentrar toda a atenção na solução do problema, e não no problema.

— Atenda à necessidade central

Mas qual é a necessidade central de um espírito? É aquela com que o espírito se preocupa mais. Vamos a um exemplo.

Exemplo de atendimento à necessidade central

Era uma jovem mulher que começou dizendo: *"Estou com uma dor de cabeça"*. Ora disse eu: "Então vou lhe dar um remédio para dor de cabeça". Disse ela: *"Não dá tempo"*. Eu perguntei: "Por que não dá?". *"Eu estou indo a um show e estou atrasada. Se perder a hora, eu perco o ingresso"*. Pensei

comigo: o show ela já havia perdido, agora restava amenizar sua dor. E disse: "Olha, não vai demorar nada. Você toma um remedinho que eu vou dar e depois você vai para o show". *"Não dá, não. Está em cima da hora"*. Nesse instante se passou uma coisa que, se não era trágica, era engraçada.

Eu insisti: "Toma o remédio". Ela também: *"Não dá tempo"*. "Toma o remédio". *"Não dá tempo"*. "Toma o remédio". *"Não dá tempo"*. "Toma o remédio". *"Não dá tempo"*.

Costumo dizer que, quando um diálogo fica repetido, a conversa fica "andando de lado", não se vai a lugar nenhum. Nesse instante constrangedor da conversa que eu não soube levar a bom termo, minha esposa, médium falante durante muitos anos e mais intuitiva por isso mesmo, levantou-se e foi até o meu ouvido para recomendar o seguinte: "Diga à moça que o show foi adiado". "Adiado", pensei, "como é possível?". Mas em seguida testei a informação dizendo: "Olha, acabo de receber da produção a informação de que show foi adiado, e os ingressos continuarão valendo em dia e hora que serão comunicados a todos os pagantes". Sabe o que o espírito disse? *"Bem, se é assim, então eu tomo o remédio"*. Não me lembro de mais nada dessa comunicação porque, naquela época, eu não tinha o hábito de fazer anotações sem imaginar que um dia estaria escrevendo sobre isso.

A pergunta que fica é: qual é a necessidade central desse espírito? O remédio ou o show? É o show. Enquanto isso não se resolve, não se pode atender a outras necessidades.

Como, então, reconhecer qual é a necessidade central? É aquela que o espírito repete continuamente e que o incomoda.

Outro exemplo de atendimento à necessidade central

O espírito reclama que está em dificuldades para respirar porque desencarnou entubado e ainda sente a repercussão do tubo na garganta.

— *Ira...o ubo, or...avor, ão... onsigo... espirar*

— Vou tirar o tubo. Me avise quando ele tiver saído (Técnica da Transferência).

.....

— *Ah... que maravilha, obrigado... nossa... você me salvou.*

.....

Vários espíritos reclamam de estar entubados. Tire o tubo (quem vai fazer isso são os mentores) e continue perguntando ao espírito do que mais ele precisa. Trabalhe sob demanda.

— Não desafiar

Jamais desafie um espírito, tratando-o como inimigo. Não sou um especialista em língua hebraica ao tempo de Jesus. Mas já li a respeito que a palavra amor tinha vários significados. Quando Jesus se refere a amar os inimigos, na realidade, estava dizendo que é preciso respeitar um inimigo. Se for preso, tratar com dignidade, sem maus-tratos. Ao dar comida, fazê-lo com a necessária higiene, etc.

— Tela Mental

No capítulo 33 do livro *Desobsessão,* André Luiz diz o seguinte: "Praticar a hipnose construtiva, se necessário, no ânimo dos Espíritos... usando sonoterapia para entregá-los à mentoria, ou efetuando projeção de quadros mentais para esclarecimento dos desencarnados menos acessíveis à ajuda." Fica a pergunta: a que quadros mentais se refere André Luiz? Se são quadros, deve haver uma tela como nos mostra o livro do mesmo autor *Nos Domínios da Mediunidade,* capítulo 16.

Analisemos a citação: "Trabalhadores de nossa linha são distribuídos por diversas regiões, onde captam as imagens... sintonizando as emissões com o aparelho receptor (tela). A televisão... pode oferecer uma ideia... de semelhante serviço... mas entre nós as transmissões são mais simples, exatas e instantâneas." Se os espíritos são capazes de captar imagens ao longe, por que não o fariam com os fatos já arquivados na memória profunda do comunicante?

Na questão 307 de *O Livro dos Espíritos* vamos encontrar uma pergunta dupla feita por Kardec aos espíritos superiores:

" — De que maneira a vida passada se desenrola na memória do Espírito?

Por esforço da sua imaginação ou como um quadro que ele tenha ante os olhos?

De uma forma e de outra. Todos os atos que tenham interesse para a sua lembrança são para ele como se estivessem presentes; os outros ficam no fundo da memória, ou completamente esquecidos... Aquilo que ele lembra muito bem são os fatos principais, que o ajudam a se melhorar."

Portanto, fatos do passado arquivados na memória profunda ou fatos atuais que estão acontecendo alhures podem ser mostrados ao espírito de forma que o ajudem a se melhorar.

No livro *Muitas Vidas, Uma Só Alma* do psiquiatra norte-americano Brian Weiss há a seguinte referência: "O espírito... disse que: só vemos as vidas passadas que são importantes para a vida presente" (1ª edição, página 32, parágrafo 2).

Mas atenção: a Tela Mental tende a não funcionar à medida que o tempo passa e/ou quando a conversa se deteriora no caso de o espírito ser muito agressivo.

— Técnica da pergunta

Já falamos sobre esse assunto, mas é bom repetir. Quando uma história não está suficientemente clara, quando algum barulho durante a reunião nos faz perder uma palavra, ou o espírito fala baixo demais, etc., faça perguntas até que as coisas fiquem mais claras, e lembre-se de usar a técnica do jogo de tênis. Uma pergunta de cada vez, esperando a resposta de cada uma delas, ainda que demore um pouco. Se o espírito demorar para responder, faça de novo a mesma pergunta já feita.

— Não fale da morte, fale da vida

Alguns leitores poderão estranhar essa atitude, mas ela está no livro *Instruções Psicofônicas* (1ª edição – 1956 pela FEB), no capítulo 46, com o título "Sessões Mediúnicas". André Luiz nos recomenda: "Não fale da morte ao espírito que a desconhece, para que ele descubra a realidade por si próprio." No livro *E a Vida Continua,* vamos encontrar também essa preocupação, quando só 'acidentalmente' o casal Evelina Serpa e Ernesto Fantini descobre que está do outro lado da vida.

Mas então quando é que se pode falar da morte? Bem, se um espírito diz que não consegue falar com os familiares em casa, e o esclarecedor o faz refletir em que condições isso ocorre até que ele conclua, é uma boa técnica.

Se o espírito pergunta por que está acontecendo tanta coisa estranha, e o esclarecedor o leva a refletir sobre o que está estranho, também é uma boa técnica.

— Técnica da transferência

A técnica consiste em deixar o espírito informar o que está acontecendo.

— Técnica do jogo de tênis

Esta técnica tem o objetivo de fazer o esclarecedor trabalhar o que o espírito traz de experiência e não impor nada.

Vejamos o exemplo de um caso real:

— *Vocês não desistem. Sou obrigado a reconhecer...*

— Você também tem a mesma persistência.

— *Então... se é assim... por que vocês não cuidam das suas coisas e nós cuidamos das nossas? Não é justo isso?*

— De certa forma, é.

— *Não... Ou é justo, ou não é!*

— Digamos que existe um outro ângulo da questão que você não conhece.

— *Qual?!* (o espírito teve interesse)

— É uma coisa que você não sabe, mas precisa saber.

(o esclarecedor não tinha a menor ideia do que ele precisa saber, mas tinha certeza de que os mentores iriam mostrar a ele aquilo que fosse necessário. É uma forma de sugerir a Tela Mental sem dizer: agora você vai ver uma imagem na sua frente e coisa e tal.)

— *Então diga logo o que você quer que eu saiba.*

— Não sou eu quem vai falar...

— *Então quem será?* ...(já bravo com o fato de o esclarecedor não saber nada sobre ele... e não sabia mesmo)

(aumentou o interesse do espírito diante dessa "coisa" misteriosa que foi usada como "isca", no melhor sentido da palavra)

— Não sei... preste atenção no que você vai ver.

— *Não quero ver nada. Só estou disposto a ouvir.*

(aqui o espírito pareceu estar orientado para não se deixar envolver com 'visões' que pudessem emocioná-lo. Quando isso acontecer, não se preocupe: ele vai ouvir o que precisa ouvir)

— Então ouça...

..... (dando um tempo ao espírito para ele perceber alguma coisa)

— *Quem está me pedindo ajuda?*

(aqui uma sutil ação dos espíritos aguçando ainda mais sua curiosidade, pois poderiam ter facilitado a audição na primeira tentativa, mas não o fizeram)

— Não sei... apure o ouvido para descobrir quem é...

..... (o espírito respira fundo, dando sinais de emoção)

(aconteceu alguma coisa e, quando o esclarecedor ia perguntar o que tinha acontecido, ele falou)

— *É muito difícil mudar... Eu sou uma pessoa difícil.*

(aqui a tendência é dizer a ele que não é não uma pessoa difícil, mas o esclarecedor optou por não chamar a atenção do que pode ser considerado um dos problemas do espírito)

— Observe... Alguém deve se aproximar. Avise quando isso acontecer.

(Na Técnica de Transferência: é o espírito que deve dizer quem se aproxima e não o esclarecedor, porque isso pode influenciar o médium, sobretudo se ele é novato)

(choro convulso)

— Está percebendo alguém?

(o choro é intenso e o espírito apenas acena com a cabeça que sim)

— Parece confiável?

(continua acenando)

— Então vá com essa pessoa. Vocês têm muito a conversar.

Aqui fazemos uma observação importante sobre esse caso. Pode parecer que o esclarecedor não fez nada e empurrou o problema para os espíritos. No entanto, tratava-se de um espírito agressivo e perseguidor que foi atingido no seu sentimento. Quando o esclarecedor consegue não confrontar, mas criar condições de emocionar o comunicante, já fez o bastante.

— Técnica do espelhamento

Esta forma de atendimento é uma alternativa para tratar espíritos que têm noção da sua situação de desencarnados e, sobretudo, quando trabalham para grupos de perseguição. Orientados, eles chegam 'obrigados' à reunião. A primeira frase que dizem é: "Eu não quero falar". Se o esclarecedor 'bater' de frente, dizendo que ele precisa falar, falar só um pouquinho, etc., não vai muito longe com a conversa, a não ser para irritar o espírito e às vezes o médium.

A técnica consiste em repetir o que o espírito está dizendo sem fazer oposição. É claro que não devemos ficar repetindo sem parar. Na conversa, surgirá uma informação importante, e aí entraremos no assunto que interessa. Relatamos abaixo um desses atendimentos.

Exemplo de espelhamento

— *Eu não vou falar.*
— Você não vai falar.
— *É, não vou.*
— Você não vai.
— *Fui orientado a não falar.*
— Você foi orientado a não falar.
— *É... o meu chefe me mandou aqui só para observar.*
— O seu chefe mandou você aqui só para observar.
— *É... ele é muito bravo.*
— O seu chefe é muito bravo.
— *É... você não sabe quanto.*

Nesse instante, usa-se o argumento do espírito para fazê-lo refletir sobre o fato de ter um chefe bravo, sem obrigá-lo a fazer nada, a não ser refletir. Use a Técnica das Perguntas.

— O seu chefe é bravo com todos os que trabalham para ele? (saindo do espelhamento)
— *Não, só com quem não faz o serviço direito.*
— Você disse que trabalha para ele, é isso?
— *É... eu trabalho para ele.*
— Você já considerou a hipótese de ele ficar bravo com você?
— *Não... eu sempre faço o serviço que ele pede.*
— Você já considerou a possibilidade de um dia não conseguir fazer o serviço?
— *Eu nunca errei.*
— Você nunca errou?
— *Nunca.*
— Existe alguma possibilidade de erro, ainda que seja remoto... um dia?

..... (o espírito pensou um pouco)

— *É... existe.*

— Você está disposto a correr esse risco?

— *Não tenho outro jeito.*

— Você gostaria de sair desse meio?

— *Quem entra nessa não sai mais.*

— Alguém que você conhece nesse grupo sumiu do trabalho recentemente?

— *Quem?*

— Você não se lembra de ninguém?

— *Bem, eu tinha um amigo que sumiu.*

— Você sabe onde ele está?

— *O chefe disse que ele está numa tarefa importante.*

— Você tem certeza disso?

— *O chefe que falou.*

— Bem, você tem uma visita. Apure a sua percepção para ver se você vê alguém.

(nesse momento, fica clara a intenção do esclarecedor para que os mentores melhorem a capacidade de percepção do comunicante)

..... (dar tempo ao espírito para perceber)

— *Ei!!! O que você está fazendo aqui?*

(o espírito viu alguém que pode ser o tal amigo, e eles devem conversar um pouco. Deixe isso acontecer e fique atento ao "lado" da conversa que você pode ouvir)

— *Nossa, cara, eles disseram que você estava em serviço.*

..... (o espírito do amigo está falando alguma coisa)

— *Então o chefe estava mentindo?!*

..... (continua a conversa).

— *Ei, você aí.* (referindo-se ao esclarecedor)

— Sim.

— *O que eu faço agora?*

— O que você gostaria de fazer?

— *Eu quero é sair fora dessa. Pode?*

— Claro, o seu amigo sabe como fazer isso. Vá com ele.

Aqui não há mais o que o esclarecedor possa fazer que o amigo não faça melhor, no sentido de ensinar como se sai da influência perniciosa do chefe. Essa é uma coisa que o esclarecedor não conhece. Portanto, é melhor não intervir.

— Técnica da história

Às vezes, o esclarecedor tem a possibilidade de contar alguns casos que ilustram a sua intenção. Portanto, é bom guardar histórias ou parábolas que tenham uma boa carga de emoção, mas sintetizem o que será dito.

Exemplo de história

O espírito sentia uma forte culpa por ter feito coisas erradas e achava que não tinha por que ser perdoado. Queria continuar sofrendo para assim 'pagar seus erros'.

O esclarecedor começou, então, a lhe contar a seguinte história:

— Após a morte de Jesus, um doutor da lei de nome Saulo de Tarso achou que os seguidores do Mestre eram uma ameaça às tradições judaicas e passou a persegui-los. Ordenou apedrejamentos, confiscou bens, mandou matar... Mas um dia teve uma visão impressionante. Um desconhecido surgiu à sua frente e perguntou: "Saulo, por que me persegues?". Como nunca vira tal personagem, perguntou: "Quem sois?". O estranho respondeu: "Eu sou Jesus". Naquele instante, diante da prova da imortalidade da alma que nenhum profeta de Israel pudera dar, Saulo reconheceu estar diante do Messias e perguntou: "Que queres que eu faça?".

— (choro) *Minha mãe me contou essa história quando eu era criança...*

— Veja que Saulo tinha tudo para ficar se lamentando, mas saiu a serviço de Jesus pelo mundo conhecido de sua época, e trouxe até nós as suas lições.

— *É verdade... eu tinha esquecido... Vou ver o que posso fazer para corrigir meus erros...*

— Então vá.

— Técnica dos sinais

Esta técnica está descrita no próximo capítulo.

CUIDADOS A SER TOMADOS

Falta de objetividade

Quando se fala muito e não se presta atenção no que o espírito fala, há uma forte tendência de o esclarecedor não resolver o problema, e sim complicá-lo. Quase sempre a "porta" psicológica para se "entrar" na conversa do espírito é dita na história que o espírito conta. Quando ele não quer contar nada, então... pergunte e, somente depois disso, inicie com as propostas.

Falta de prestar atenção ao que o espírito fala

Prestar atenção ao que o espírito fala pode parecer fácil, mas não é. Quando não se tem muita experiência, é comum prestar atenção no próprio raciocínio. Isso pode tirar a atenção do esclarecedor da história narrada pelo espírito.

Com a experiência, o esclarecedor descobre que usar a história do espírito é mais fácil e melhor para conduzir o raciocínio.

Doação fluídica no espírito durante o esclarecimento

Uma das coisas que atrapalham bastante é o esclarecedor ficar dando passe o tempo todo no comunicante. Entendemos que essa tarefa é dos espíritos e devemos nos preocupar com a organização das ideias, para evitar perder o fio da meada.

Somente quando ocorre uma situação muito difícil é que podemos nos colocar como doadores fluídicos, mas, na maioria das vezes, isto é feito naturalmente pelos mentores. E lembre-se de que qualquer pessoa pode doar fluidos sem necessariamente impor as mãos.

Perda do 'fio da meada'

Pode acontecer de 'dar aquele branco'... Nesse caso, comece de novo a conversa com um assunto pertinente.

Volume alto de voz do médium

Cabe ao médium falante regular o volume da voz durante a comunicação.

Chavões

Chavão é toda a frase repetida continuamente no esclarecimento independentemente do problema que o espírito apresenta. Deve ser evitado, embora algumas vezes até possamos usá-lo.

Alguns exemplos:

— Você precisa pedir perdão dos seus pecados.

— Você precisa se acalmar.

— Pense em Deus.

— Jesus te ama.

No caso do primeiro exemplo, podemos dar a ideia de que, pedindo perdão, o espírito estará 'salvo', o que é falso, pois, como relata a resposta da questão 999 de *O Livro dos Espíritos,* o arrependimento concorre para a melhoria, mas há a necessidade da reparação. É interessante lembrar que todos nós temos imperfeições, mas as leis de Deus se encarregam de nos permitir oportunidades de refazer o passado.

Figuras de linguagem

Muito comuns no uso da palavra doutrinária são as figuras de linguagem. Mas, em atendimento a espíritos, às vezes até com pouco entendimento da própria situação, esse recurso dificulta o esclarecimento.

Relacionamos abaixo algumas figuras que devem ser evitadas:

evite	**empregue**
Orar ao Senhor da Vida	Orar a Jesus
Dar um salto na espiritualidade	Progredir
Refazer caminhos tortuosos	Reparar nossos enganos
Iluminar nosso caminho	Estudar e aprender
Renovar o coração	Melhorar os relacionamentos

CAPÍTULO 3

— Sinais

Este é um capítulo que alguns podem estranhar. Mas a ideia surgiu quando da dificuldade que tínhamos em lidar com espíritos que queriam falar, mas por alguma razão não conseguiam. A nossa experiência mostrou o resultado, mas isso não quer dizer que você não possa fazer diferente.

Sinais para quem não consegue falar

Tudo começou anos atrás, quando espíritos que não podiam falar passaram a se manifestar com certa frequência no grupo de trabalho.

Para mim, era um desafio constrangedor toda vez que um espírito chegava e dizia: *hum... hum... ããã... ããã.*

Começamos por relacionar situações em que os espíritos (mesmo querendo) não conseguem falar:

Zoantropo
Mudo
Doente da garganta
Deficiente da fala
Enforcado
Estrangulado

Decapitado
Com a língua cortada
Afogado

Feita a lista, achamos que não perderíamos mais em atendê-los. Foi quando, certa noite, depois de perguntar, seguindo a lista de qual era o problema, após muitos humms e ãããs, o médium em desespero pediu lápis e papel e escreveu: boca costurada.

Com a informação do que estava acontecendo, foi mais fácil atender à necessidade. Íamos descosturar sua boca, testar para ver se ele conseguia falar e, após atender à demanda principal, que outras necessidades tinha e encaminhar.

A ideia do médium era boa. Manter lápis e tiras de papel por perto parecia a solução mais simples.

Até que um dia um espírito que não falava, urrava e ao mesmo tempo encurvava os dedos da mão do médium em forma de garra. Era um zoantropo, um espírito que perdera a forma humana. O sinal com as mãos era a chave. Nem lápis nem papel, apenas um sinal com as mãos, simples. Como nos primeiros tempos de comunicação sem médiuns escreventes ou falantes.

Era preciso então estabelecer sinais que pudessem refletir a problemática do espírito para facilitar o conhecimento da situação sem que ele falasse. O próprio médium sinalizaria. É claro que há médiuns novatos que não percebem o problema do espírito, e aí não há como sinalizar para o esclarecedor. Mas médiuns com alguma experiência têm essa percepção e, sendo médiuns conscientes, estão aptos a sinalizar.

Logo em seguida, outro problema apareceu. Um espírito urrou e encurvou os dedos da mão do médium. O esclarecedor não teve dúvida e fez referência à deformação típica dos zoantropos, e o espírito perguntou, falando normalmente: *"Você ficou louco?"*.

Assim, achamos que um sinal duplo (com as duas mãos) seria uma garantia de explicitação do problema do espírito.

O problema seguinte era ter de memorizar uma grande quantidade de sinais. Vejamos quantos:

Zoantropo
Mudo
Doente da garganta

Deficiente da fala
Enforcado
Estrangulado
Decapitado
Com a língua cortada
Afogado
Com a boca costurada / amordaçado (a) / entubado (a)

Além da boca costurada, o amordaçado também foi incluído na mesma situa-ção. Na hipótese de ser atendidos, o mesmo sinal serve para o esclarecedor descosturar ou desamarrar e testar se o espírito pode falar logo em seguida.

Se o leitor percorreu a lista, vai perceber que os médiuns falantes vão ter de decorar dez sinais. O que, convenhamos, não é nada fácil. Assim, continuávamos com o problema. Num primeiro instante, agrupamos os tipos em seis situações, até que, em reciclagem recente em nossa Casa com os diversos grupos, veio a solução para diminuir o problema. Os sinais foram reduzidos a quatro. Vamos, então, repetir a lista e agrupar por situação.

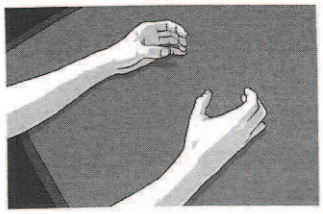
SINAL 1
Zoantropo

SINAL 2
Mudo
Doente da garganta
Deficiente da fala
Enforcado
Estrangulado
Decapitado
Com a língua cortada

SINAL 3
Afogado

SINAL 4
Com a boca costurada / amordaçado (a) / entubado (a)

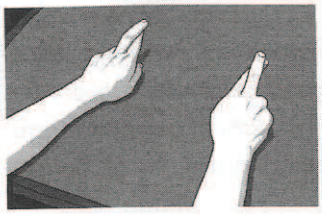
Devemos lembrar que, identificada a dificuldade de o espírito falar, é preciso que o esclarecedor estabeleça uma linguagem do tipo 'sim' ou 'não' com a cabeça, de modo a obter informações sobre se o tratamento começou, terminou ou outra necessidade qualquer. Claro que as perguntas devem ser feitas de modo a se ter somente um 'sim' ou 'não' como resposta.



Os sinais propostos seguem abaixo:

Zoantropo

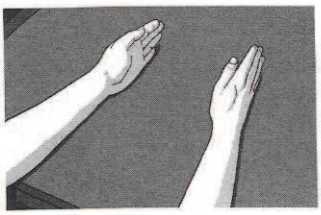
Este sinal indica que o comunicante perdeu a forma humana. Está sob forma animal por ação de hipnose. No próximo capítulo, comentaremos mais essa situação.



Mudo / Doente da garganta / Deficiente da fala / Enforcado / Estrangulado

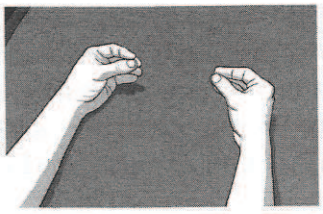
Decapitado / Com a língua cortada

Este sinal duplo com os dedos indicador e médio cruzados lembra a helicoidal do DNA e ao mesmo tempo é um X "tudo", porque ele engloba sete situações semelhantes. É recomendável que o esclarecedor faça referência apenas à dificuldade que ele está percebendo no espírito, sem explicitar qual. Assim, o tratamento se resume em fazer o espírito sentir que vão mexer na sua deficiência e aguardar os resultados para, por exemplo, testar se ele consegue falar.



Afogado

Confesso que este pode não ser o melhor sinal, mas foi o que se imaginou para avisar que o esclarecedor está à frente de alguém afogando. Às vezes, quem desencarna por afogamento consegue falar ao repetir a cena em sua mente. Quando isso acontece, não há por que ter o sinal. Mas se ele emite algum ruído (coff, ugh, etc.) de que está se afogando, fazer o sinal ajuda o esclarecedor.



Com a boca costurada / amordaçado

Este é o sinal que lembra, com a junção dos dedos, uma boca que foi costurada.

Mas há mais dois sinais que seriam interessantes comentar.

Sinais para quem consegue falar

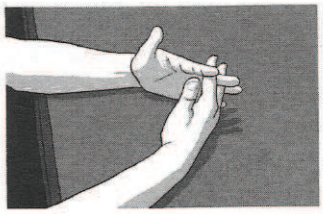
Este subtítulo pode parecer estranho. Se o espírito fala, para que o sinal? Vamos explicar.

Imagine que um encarnado se acidente e, enquanto espera ajuda, preso entre as ferragens, desencarna. Com a morte traumática, ele 'permanece' (mentalmente) na cena do acidente, ainda que fisicamente já esteja na reunião. É preciso que o esclarecedor entenda esse processo que se aprende na prática dos atendimentos.

Agora imagine se, por acaso, mesmo entre as ferragens, e ainda encarnado, um bombeiro se aproxima e pergunta: "Posso ajudar?".

Também um esclarecedor não deveria fazer a pergunta que fiz quando pela primeira vez atendi alguém nessa situação. Depois da pergunta tradicional, o espírito disse com muita dificuldade: "Você quer me ajudar e não está me vendo?".

Então, assim que um médium perceber que se trata de um acidentado, e que está preso entre ferragens e sob uma laje, deve fazer o sinal característico abaixo.



Preso entre ferragens ou sob uma laje / etc.

Com o sinal o esclarecedor, já providencia a 'retirada', tomando cuidados como os relatados no capítulo 4.

Espírito que se passa por mentor

Durante muito tempo, esta foi uma das grandes dificuldades de um esclarecedor: descobrir se o espírito está brincando, fingindo ser bonzinho, etc. Ele é mentor ou brincalhão?

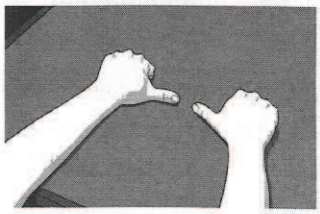
Na metodologia sugerida por André Luiz, esse é um tipo de espírito que não precisamos temer e é facílimo de reconhecer.

No início e no final da reunião, existe um tempo disponível para a comunicação da mentoria; fora desse período, qualquer comunicante que queira se "disfarçar" de mentor é espírito brincalhão, mas nem por isso menos necessitado de ajuda. Deve-se atendê-lo buscando foco em suas necessidades sem acusá-lo da tramoia. Se não forem permitidas comunicações de mentor, não há o que sinalizar, pois não é hora de mentor falar.

Espírito que se passa por necessitado

Já passamos por essa experiência. É claro que um espírito que engana não vai embora sem antes revelar a façanha, gargalhando para informar que conseguiu o intento.

Aqui entra o último sinal para avisar que o espírito está mentindo antes que se perca tempo ouvindo uma história que não é verdadeira. É claro que isso só é possível quando o médium tem percepção dessa situação.



Espírito mentindo

E atenção: identificada a mentira, é razoável e salutar que o esclarecedor não tripudie sobre o fato. O correto é mudar o curso da conversa sem ironizar. Por exemplo: "Estamos percebendo que esta não é bem a sua real necessidade. De que de fato você precisa?"

São só seis sinais. Se o médium falante usar, vai ajudar o esclarecedor a ir direto ao ponto.

Mas é preciso que o dirigente e o grupo combinem a utilização. Todos precisam saber da utilização e estar avisados de como vai funcionar.

CAPÍTULO 4

— Tipos de Espíritos

Neste capítulo, vamos apresentar alguns tipos de espíritos, relacionando características de determinados comunicantes, atitudes inadequadas e atitudes mais adequadas para a abordagem.

Conquanto todos os espíritos que comparecem para tratamento espiritual sejam necessitados, alguns desconhecem a sua situação de desencarnados e outros têm consciência de que estão em outro plano, ainda que não saibam como isso acontece exatamente.

Também é bom lembrar que não relacionamos todos os tipos, mas os mais comuns.

Vamos utilizar sempre o pronome ele como referência ao espírito, independentemente de sexo, embora já alertamos para o cuidado de não se usar essa forma quando do esclarecimento sem que tenhamos certeza se o espírito é homem ou mulher.

4.1 Tipos de espíritos que desconhecem sua mudança de plano

- Moradores de rua;
- Acidentados;
- Afogados;
- Suicidas indiretos (aqueles que se suicidaram em suaves parcelas de tempo);
- Espíritos ainda presos ao corpo de carne.

4.1.1 Características de espíritos moradores de rua

- Não querem sair do lugar onde estão;
- Desconfiam quando alguém fala com eles;
- Acham que 'vamos' roubar o 'seu' lugar;
- Não acreditam no que o esclarecedor fala.

Condutas inadequadas

- Dizer que eles precisam sair da rua;
- Dizer que eles precisam evoluir (a maioria dos espíritos necessitados não tem conhecimento desse princípio espírita).

Condutas mais adequadas

- Sugira que existe um lugar melhor para ficarem e garanta que alguém vai guardar o lugar deles;

Alerte que você chamou alguém para guardar o lugar deles e peça aos espíritos que avisem quando a pessoa chegar.

- Ofereça comida (sopa) e banho;
- Ofereça tratamento médico;
- Informe que outros 'colegas' estão na mesma situação;
- Mostre 'fotos' do local para onde eles vão;

(os espíritos podem mostrar imagens do local)

- Só notifique sobre a morte se os espíritos estiverem maduros para receber a notícia.

4.1.2 Características de espíritos acidentados

- Sentem-se "presos" às ferragens ou "soterrados" sob uma laje;
- Podem sentir dores e mal-estar;

(Parece estranho, mas isso pode acontecer. No desencarne traumático, a impressão pode ficar registrada na mente como se eles ali ainda estivesse.)

- Podem sentir falta de alguma parte do corpo;

(Essa sensação também pode acontecer com quem continua vivo após um acidente.)

- Preocupam-se com familiares também acidentados ou não;

(Se isso acontecer, atenda a demanda e encaminhe – vide orientação no item "Condutas mais adequadas".)

Condutas inadequadas

- Perguntar: quem foi o culpado?

(É só lembrar da primeira técnica sugerida: não somos juízes, mas terapeutas.)

- Desconsiderar o sofrimento que o espírito diz enfrentar;

(Algumas vezes, o desencarnado sofre as repercussões da morte traumática. O espírito não está mentindo. Atenda ao alívio da dor apenas preparando-o, pois são os espíritos que vão fazer isso. Você só o prepara para sentir a ação dos mentores.)

- Dizer que vai lhe dar um 'passe';

(A grande maioria dos espíritos não tem ideia do que seja o 'passe', e não é preciso se preocupar com isso, porque esse é um dos trabalhos dos mentores. Eles envolvem o comunicante fluidicamente melhor do que nós, mas utilizam também os nossos recursos fluídicos mais densos.)

- Pedir para que ore: 'Pai nosso" ...

(Orar nunca é demais, mas, em caso de emergência, aqui na Terra, agimos primeiro e oramos depois. Alguém nessas condições precisa de ajuda rápido para se sentir livre do acidente.)

Condutas mais adequadas

- Não fale da morte se o espírito não está maduro para ouvir isso;
- Médium falante deve sinalizar (vide capítulo 3);

(A sinalização já explicada no capítulo 3 é uma ajuda que o médium falante dá ao esclarecedor que está atendendo. Nesse caso, o sinal deve ser feito antes de o esclarecedor fazer a pergunta inicial de contato: "Posso ajudar?" ou "Podemos conversar?". Porque o espírito vai estranhar se vendo na cena do acidente e ouvir a pergunta desnecessária e inoportuna. Lembro-me de passar por essa situação e o espírito, diante da pergunta, retrucar: *"Você não está me enxergando, não, é?"*. E aí você não tem muitas opções para não dizer que ele já partiu para o outro lado.)

- Evite pedir calma. Execute ações para acalmar;

(Agir é o verbo. Mobilize recursos para tirá-lo virtualmente daquela situação de modo que a mente se descongestione.)

- Remova a aflição confirmando que ele está salvo! Só não diga de que lado ele está;

(Na verdade, morte não mata ninguém; só o faz mudar de lado.)

- Tranquilize-o quanto aos familiares.

(Costumo recomendar que, se o espírito quiser saber sobre filhos que estavam no acidente, o esclarecedor pode afirmar que foram 'todos' salvos. É só não falar de que lado eles estão (a 'morte' não existe; ela só nos muda de lado). Mas, se não houver demanda do espírito por mais esclarecimentos, não toque no assunto sobre se haveria outros necessitados no acidente, pois isso pode chamar a atenção para coisas que não são relevantes no momento. Atenda à necessidade central do espírito.)

Exemplo de um atendimento com acidentado

O espírito comunicante estava na cena de um acidente de carro, entre as ferragens.

O médium fez o sinal característico cruzando os dedos sobre a mesa e o esclarecedor já chegou dizendo que iria tirá-lo dali sem perguntar se podia ajudar. Eis o diálogo que se seguiu:

— Ok, vou tirá-lo daí. Você sente alguma dor?

— *Sinto um pouco de dor na perna.*

— Eu vou puxar você devagar e você me diz se dói ou não. Certo? Então vamos lá, devagar...

(O mentores farão que ele sinta que você o está retirando.)

— *Ai, ai, está doendo muito agora.*

— Então vou anestesiar um pouco a sua perna para poder tirar você. Me avise quando você sentir que a perna está menos sensível. Ela vai continuar com alguma sensibilidade até que você saia totalmente para que eu possa avaliar sua remoção.

(Falar às vezes na primeira pessoa passa segurança ao espírito que não percebe quem está exatamente agindo sobre ele.)

— .....

(Como o espírito não dava retorno sobre a ação do anestésico, o esclarecedor perguntou:)

— E então, como você sente a perna agora?

— *Parece melhor.*

— Vamos continuar bem devagar e qualquer coisa você me avisa.

— .....

(O espírito não falou nada por alguns segundos e o esclarecedor perguntou:)

— E aí, está sentindo mexer?

— *Eu estou saindo.*

— Então, continuamos, com jeito... assim... devagar.

— *Ah, que alívio. Você me salvou.*

(O esclarecedor confirma que ele foi salvo, só não fala de que lado ele está.)

— Como você se sente? (é o espírito que deve falar o que sente)

— *Estou cansado agora... foram muitas horas esperando ajuda.*

— Então durma. Quando acordar, estará melhor.

(Não houve novas demandas do espírito e o esclarecedor encerrou a conversa.)

Certa vez, alguém que trabalha com resgates lembrou que é preciso cuidado com o 'contra-ferro' – um pedaço de ferro que está atrás da coluna vertebral e que não está sendo visto por quem resgata. Mas lembre-se: o espírito já 'morreu' e não há mais a possibilidade de o 'contra-ferro' o atingir. O seu corpo espiritual já tem uma densidade menor.

O esclarecedor não deve se preocupar em passar informações mais detalhadas sobre a vida espiritual. O espírito já está lá e nós aqui fazemos apenas os primeiros socorros. O espírito foi encaminhado a mentores e terá tempo suficiente (antes da próxima encarnação) para tomar conhecimento do que aconteceu.

Atenção: nem todos os acidentados se comportam da mesma maneira. Esse atendimento não é uma receita de bolo. O que às vezes serve para um espírito pode não servir para outros. Atenda sempre conforme o relato que a situação exige. Cada espírito tem experiências muito particulares.

4.1.3 Características de espíritos que desencarnaram afogados

- Com o pensamento em 'looping', revivem o trauma da morte;

(O pensamento em circuito fechado dificulta que os espíritos saiam dessa condição, por si mesmos.)

- Em muitos casos, não ouvem direito o que se diz;

(A aflição às vezes é muito grande e já está se repetindo na mente do espírito há horas... dias... semanas... meses ou mais – não sabemos.)

- Dificuldade para respirar;

- Têm dificuldade para falar;
- Podem reclamar de não terem tido socorro.

Condutas inadequadas

- Dizer que vai lhe dar um 'passe';
- Pedir que ore um "Pai Nosso";
- Pedir que espere só um pouquinho que eu vou chamar o salva-vidas.

Lembre-se: você, esclarecedor, é o salva-vidas. Não chame ninguém. Você ajuda tomando providências 'verbais' e os mentores fazem o espírito sentir que alguém está 'mexendo' nele como se fosse você.

Condutas mais adequadas

- Em caso de dificuldade de o espírito para falar, o médium falante deve sinalizar;
- Deixe claro que é você quem vai ajudar;
- Diga que vai envolvê-lo com o braço em torno do pescoço e peça para o espírito confirmar se está seguro;
- Use a Técnica da Transferência perguntando ao espírito se ele está se sentindo seguro;
- Seja firme na forma verbal, sem agressão;

(Use a palavra como quem comanda um resgate e está 'por dentro da situação', tomando as providências necessárias.)

- Após 'resgate', coloque-o para descansar (se não houver mais demandas..., encaminhe);
- Se houver novas demandas, atenda (dores, perguntas, etc.).

4.1.4 Características de espíritos suicidas indiretos

- Desejam ainda alimentar o vício;

(Esta é a única necessidade central que você não deve atender. Não se deve dizer que você vai dar a ele o elemento viciante. Mas pode lembrar o espírito que se trata picada de cobra com o próprio veneno da cobra. Ou seja, ele deve tomar alguma coisa que os mentores vão providenciar que contenha esse princípio da cura.)

- Têm a compreensão alterada pelo vício;
- Às vezes não percebem a ajuda;

- Falam com dificuldade, sonolentos;

(Aqui os médiuns sustentadores, ouvindo a comunicação, podem fornecer recursos que ajudem a despertar um pouco mais o comunicante.)

Condutas inadequadas

- Culpar o espírito pelo deslize;
- Desconsiderar suas necessidades;
- Em caso de aflição, pedir calma sem parar.

Condutas mais adequadas

- Confirme a existência de remédio e tratamento especializados;
- Solicite atenção do espírito para a ação da medicação;

(Como a maioria da medicação é fluidoterápica, pare de falar e peça para ele ficar atento e relatar as sensações que vai sentir, mas pare mesmo de falar, senão o espírito não sabe no que prestar atenção.)

- Diga que a recuperação definitiva vai depender da vontade dele;
- Fale de ocupações e trabalhos que são a verdadeira terapia da cura;
- Não fale da morte, fale da vida; ninguém morre, só muda de lado;
- Diga que alguém que já passou por isso vai ajudar.

Exemplo de um atendimento a uma mulher que queria se livrar das drogas

O espírito já começa falando em soluços.

— *Eu... queria tanto... me livrar... dessa sensação...*

(Não se sabe qual é a sensação e o esclarecedor aguardou um pouco mais o relato.)

— *Eu não vou conseguir me livrar da droga...*

(O esclarecedor continuou aguardando novas informações antes de entrar na história do espírito.)

— *Vai começar a crise outra vez... meu Deus, me ajude... aquela aflição... não... outra vez... me ajudem...*

(O espírito está em crise de abstinência.)

— Vamos ajudar você agora.

— *Não dá, não há remédio para isso.*

— Há, sim. Temos um remédio novo. Já experimentamos em outros pacientes e funcionou.

— *Então faça algo rápido... por favor...*

— Então preste atenção no que você vai sentir.

(É importante o esclarecedor parar de falar e deixar os espíritos agirem.)

.....

(Como o espírito não falou nada, após alguns instantes, o esclarecedor perguntou:)

— E então, o que está sentindo?

— *Nossa... quando a crise começou, eu senti uma 'coisa' e fui me acalmando...*

— Então, passou a crise?

— *Sim. Parece que eu tomei um banho... Vocês descobriram a cura da dependência?*

— Sim, o remédio tem funcionado e, com as aplicações, você ficará bem.

— *Ah, que bênção. Mas para onde eu vou agora?*

— Vai continuar aqui sob nossos cuidados até que as crises sejam eliminadas.

— *Ah... que bom. É tudo o que eu quero.*

— Então vá. Braços amigos vão levar você agora para o quarto.

4.1.5 Características de espíritos ainda presos ao corpo de carne em decomposição

Nesses casos, o espírito "assiste" à cena da decomposição do próprio corpo físico (ou guarda mentalmente) e grita por socorro desesperadamente.

Características

- Reclamam de bichos "comendo" a sua carne;
- Reclamam de bichos passeando pelo cabelo;
- Reclamam de gosma grudada no corpo;
- Sentem náuseas e uma aflição superlativa.

Condutas inadequadas

- Dizer que ele não está mais "naquele" lugar;
- Informar que seu corpo já morreu e que ele está no "centro";
- Pedir que ele tenha calma;
- Pedir que abra os olhos para ver que não está mais no túmulo;

- Sugerir que ore;
- Sugerir que peça perdão pelos seus "pecados".

Condutas mais adequadas

- Diga: vamos espalhar um remédio no seu corpo para tirar os "bichos";
- Deve arder um pouco (criando a expectativa do resultado do remédio);
- Vamos jogar uma substância para remover a gosma, etc.;

(Alguém poderia perguntar "qual substância devemos usar?". Isso não é problema do esclarecedor, mas uma atribuição da mentoria. Se o esclarecedor acionar, os espíritos vão providenciar algo a respeito. Faça o teste.)

- Não foque o problema e sim a solução, que será providenciada.

Exemplo de um atendimento com espírito preso ao corpo em decomposição

— *Os bichos estão comendo!!!*

— Eu estou vendo. Vou colocar um remédio para matá-los. Deve arder um pouco. Avise quando os bichos começarem a morrer.

(Como o espírito parou de reclamar porque ficou atento à voz de comando, o esclarecedor perguntou:)

— E então?

— *Estão morrendo.*

— Quando terminar, avise.

(Como o espírito demorou um pouco para sinalizar, o esclarecedor perguntou novamente:)

— E aí, como está?

— *Acabou.*

(Se houver outras demandas, atenda; senão, você já fez o suficiente. Encaminhe-o à mentoria. Na grande maioria das vezes, o espírito está cansado e quer dormir.)

4.2 Tipos de espíritos que conhecem sua mudança de plano

- Zoantropos (forma animal);
- Suicidas diretos;
- Participantes de cultos afro-mediúnicos;
- Espíritos agressivos;

- Vingadores;
- Dirigentes de grupos perseguidores.

4.2.1 Características de espíritos zoantropos

A título de esclarecimento, vale lembrar que a palavra zoantropo significa forma animal. São espíritos que perderam momentaneamente parte ou a totalidade da forma humana. Este processo é obtido por meio da hipnose sobre o corpo perispiritual. Foi pela primeira vez citado no capítulo 5 do livro *Libertação,* de André Luiz.

Características

- Apresentam-se sob forma animal, com focinho ou bico, patas ou garras, penas ou pelos, etc.;

(Estão assim porque foram hipnotizados por entidades que conhecem o processo da hipnose.)

- O espírito tem dificuldades de falar;
- Certamente atingiu nível de mérito para ser atendido(a).

Condutas inadequadas

- Dizer que ele está acompanhado de obsessores;
- Dizer: já, já você vai ficar bem;
- Falar enquanto o espírito está sendo atendido fluidicamente.

Condutas mais adequadas

- Diga ao espírito que o seu corpo vai voltar ao normal;
- Não garanta resultado imediato conquanto possa acontecer;
- Garanta que o espírito vai ficar melhor;
- Antes do início do tratamento, combine com o espírito sinais sim/não com a cabeça;

(Os sinais são para o espírito informar se o tratamento começou, está continuando ou terminou.)

- Peça ao espírito para informar com o sinal de sim se o tratamento está sendo iniciado;
- Peça ao espírito para prestar atenção em si mesmo e notar possíveis modificações;

- Volte a perguntar se o tratamento ainda acontece;
- Pergunte se já terminou;
- Faça um teste pedindo para o espírito tentar falar.

Exemplo de atendimento a um zoantropo

O médium fez o sinal característico, com as duas mãos em forma de garra, sobre a mesa, e o esclarecedor já chegou dizendo que iria ajudá-lo a sair daquela situação de deformação. Eis o diálogo que se seguiu:

— Sei que você não está podendo falar devido à deformação do seu rosto. Mas como precisamos nos comunicar minimamente, preciso que você faça sinais de 'sim' e 'não' com a cabeça, certo?

— *Hum.* (sinaliza sim com a cabeça)

— Bem, vamos começar o tratamento pelas suas mãos. Procure sentir quando mexerem em você e me avise quando isso acontecer (Técnica de Transferência).

(O espírito pode levar algum tempo para perceber que estão 'mexendo' nele. Dê esse tempo ao espírito – alguns segundos: 15, 20 — e, se ele não sinalizar, pergunte novamente:)

— E aí, está sentindo alguma coisa?

— *Hum, hum.* (sinaliza sim)

(Em seguida, o espírito observa as mãos levantando junto as mãos do médium e as estica, recuperando a mobilidade. Sinaliza sim, várias vezes, para demonstrar que está feliz.)

.....

(Depois, faz um gesto com a mão direita, 'tirando' alguma coisa do braço esquerdo que não deu para entender e, só ao final da reunião, o médium esclareceu que o espírito estava tentando dizer que os pelos estavam caindo.)

— Agora vão mexer no seu rosto. Não vai doer, mas pode repuxar. Observe.

.....

— *Hum, hum.* (sinaliza sim)

— Vamos continuar. Quando você não sentir mais que estão mexendo, avise.

.....

— E então, terminou?

— *Hum, hum.* (sinaliza não)

.....

— E agora?

— *Hum, hum.* (sinaliza sim)

— Agora tente falar um pouco.

— *Ah, nã.. con... igo...alar.*

— Conseguiu, sim. Eu entendi o que você falou. Muito bem, não precisa forçar mais. O tratamento só começou. Quando o tratamento terminar, o seu corpo voltará ao normal e você falará normalmente.

— Você está vendo alguém que atendeu você?

— *Hum... hum.* (sinaliza sim)

— Então vá.

Ainda que um atendimento a zoantropo pareça difícil, na realidade não é. Apesar de os espíritos serem muito diferentes, a dificuldade de se comunicar não permite que eles falem de sua história. Essas comunicações se repetem sem muitas variações. Mas há espíritos que voltam à forma normal e a falar normalmente logo após o atendimento.

4.2.2 Características de espíritos suicidas diretos

- Entram em desespero e remorso superlativos;
- Não percebem a ajuda por causa do desespero;
- Revelam pensamento em circuito fechado ou 'looping';

(O espírito repete a cena do suicídio dezenas, centenas, milhares de vezes conforme o caso.)

- Podem ter dificuldade de falar, caso tenham atingido o centro da fala;
- Quando são trazidos, é porque há possibilidade real de melhora.

Condutas inadequadas

- Pedir calma sem parar;
- Culpar o espírito pelo deslize;
- Desconsiderar a dor que ele ou ela sente.

Condutas mais adequadas

- Alguém que está por aqui e passou por isso sabe como ajudar.

(Essa alternativa é fortíssima quando o espírito está em desespero total. Já tivemos a oportunidade de observar o fenômeno dessa proposta em duas vezes no mesmo ano. O espírito, que verbalizava sem parar o seu desespero, silenciou de repente e perguntou: quem?)

- Confirme a existência de hospital e tratamento especializado;
- Informe que a recuperação depende da vontade dele, espírito;
- Ocupação constante é o melhor remédio para esquecer o ato difícil;
- Em último caso, e se houver méritos a considerar, até nova encarnação rápida pode ser providenciada para que ele esqueça o passado.

4.2.3 Características de espíritos ligados a cultos afro-mediúnicos

- Podem ou não ser agressivos;
- Reclamam da recepção fraca;

(Chamamos a atenção do espírito para o ambiente hospitalar que temos ali, face a inúmeros doentes sendo atendidos, razão pela qual usamos apenas música suave e em baixo volume.)

- Nem sempre percebem totalmente o ambiente;

(Para provar que o ambiente é hospitalar, podemos sugerir que os mentores melhorem suas percepções visuais e auditivas.)

- Dizem que trabalham de outro jeito;

(Aqui cabe identificar que tipo de trabalho estão fazendo, não para acusá-los, mas chamar a atenção para outras formas de trabalhar.)

- Fazem qualquer trabalho em troca de favores;
- Não sabem por que estão ali;

(Sempre há um motivo para eles estarem ali. Pode ser a presença de um amigo, familiar ou alguém que quer ajudá-los a enxergar outras formas de trabalho.)

- Reclamam que os tiramos do trabalho;

(Deixar claro que eles poderão voltar ao trabalho e que a conversa não dura muito tempo.)

- Uso da Tela Mental se necessário;
- Podem estar acompanhados.

(Às vezes é bom que o esclarecedor pergunte se vieram acompanhados, para ter uma ideia do alcance de suas palavras. Pode ser que outros espíritos se beneficiem das mesmas orientações.)

Condutas inadequadas

- Dizer que eles trabalham errado;

(Nenhum espírito se sente acolhido quando o esclarecedor lhe aponta erros.)

- Exigir que eles mudem a maneira de trabalhar;

(É preferível convidar o espírito a conhecer outras formas de trabalho sem exclusão de outras já conhecidas.)

- Dizer que eles precisam evoluir e, por isso, estão sendo tirados de lá.

(O processo evolutivo se dá com a realização de experiências nos diversos trabalhos que realizamos. Portanto, todos evoluem, mesmo os que não trabalham no bem, senão Jesus não teria dito que "os criminosos e as prostitutas chegam antes ao reino dos céus". Não existem experiências más, e sim experiências. Isso não quer dizer que eu não vou colher os resultados do que faço. Mas tudo que faço é experiência.)

Condutas mais adequadas

- Diga: aqui trabalham, também, pretos-velhos, índios e caboclos;
- Demonstre reconhecer que eles trabalham, mas que há coisas que eles não sabem;

(Lembro-me de um atendimento em que o espírito perguntou o que ele ia aprender. Perguntamos se ele sabia como tinha chegado até aquele ambiente – ele tinha boa percepção do ambiente. Diante da negativa, dissemos que era uma das coisas que ensinávamos.)

- Revele reconhecer que eles trabalham os fluidos de modo competente.

4.2.4 Características de espíritos agressivos

- Apresentam-se autoritários;
- Não querem falar (pelo menos dizem que não);
- Diálogo difícil;
- Não têm paciência para ouvir;
- Ameaçam e agridem verbalmente;
- Podem estar acompanhados de outros parceiros.

Condutas inadequadas

- Desafiar;
- Discutir;
- Mentir;
- Discordar frontalmente deles;

(Mesmo que o esclarecedor não concorde, não diga. Discordar no esclarecimento acirra o diálogo.)

- Passar sermão;
- Dizer que estão errados;
- Impor o que devem fazer;
- Ironizar;

(Ao falar a frase "faz tempo que você não faz uma prece", podemos fazê-lo com ironia ou não.)

- Menosprezar-lhes a dor física ou moral;
- Insistir que vão falar só um pouco;
- Desconsiderar a agressividade;
- Pedir calma sem parar;
- Deixar de ouvir as alegações dos espíritos.

Condutas adequadas

- Agir com firmeza (voz de terapeuta, nem doce nem fria);
- Interessar-se pela sua história;

(Desejar ouvir a história do reclamante é criar empatia. Aceite o comunicante como ele é não pelo que ele faz, mas pelo espírito perfectível que todos somos.)

- Obter informações adicionais se a história não estiver clara;
- Desviar o foco da conversa quando esta não interessar ao atendimento;

(Lembrar que todo espírito tem um patrocinador, isto é, um espírito amigo ou familiar que está presente para ajudar, ainda que ele ainda não veja quem é.)

- Fazer referências a sonhos, cheiros, toques, etc.;
- Fazer referência à infância;

(Para que o espírito busque alguém ou alguma coisa no passado que seja importante para ele.)

- Quando o espírito diz que não quer falar, use a técnica do espelhamento;

(Repetir o que ele está falando sem acrescentar nada até surgir algo relevante que leve o esclarecedor a sair do espelhamento para as propostas.)

- Solicitar a Tela Mental;
- Na hipótese de o espírito pedir para ir embora, encaminhar para quem possa dar a ele a autorização;
- Na hipótese de o espírito nada aceitar, apele para a sonoterapia.

4.2.5 Características de espíritos vingadores

- Consideram-se vítimas;
- Acham-se no direito de cobrar;
- Reclamam não ter recebido ajuda;
- São instrumentos dos dirigentes;
- Fazem trabalhos à base de troca de favores.

Condutas inadequadas

- Dizer que estão errados;
- Dizer que "quem planta, colhe";
- Ameaçar: você vai ver o que fez de errado no passado.

Condutas mais adequadas

- Falar do risco da luta se "eternizar";
- Recorrer à Tela Mental;
- Dar um tempo para os mentores providenciarem a regressão.

4.2.6 Características de espíritos dirigentes das Trevas

- Raramente comparecem à reunião;
- Comparecem para estudar o grupo;
- Sondam o esclarecedor;
- Autoritários, inteligentes, frios.... etc.;
- Acostumados a mandar;
- Diálogo difícil;
- Não têm paciência para ouvir;
- São ameaçadores e agressivos;
- Reclamam da atuação contra eles;
- Costumam propor acordos;
- Costumam estar acompanhados.

Condutas inadequadas

- Dizer que estão errados;
- Dizer que "quem planta, colhe";
- Vocês vão ver o que fizeram de errado no passado.

Condutas mais adequadas

- Agir pelo lado afetivo, mas com lógica;
- Detectar pessoas ligadas a eles necessitando de ajuda;
- Sempre há alguém interessado por eles;
- Pode haver aparição de entidade conhecida deles;
- Pode haver interferência do mentor;
- Não perder a paciência;
- Sugerir regressão.

CAPÍTULO 5

— Casos

Relacionamos neste capítulo uma série de atendimentos que podem servir para orientação dos aprendizes de esclarecimento, mas não como uma "receita de bolo". São casos verídicos colhidos da experiência pessoal ou da leitura de livros com os devidos créditos.

O CASO "PEDRINHO"

No livro *Recordações da Mediunidade,* Dna. Ivone Pereira nos conta curioso episódio ocorrido em 1958.

Um parente estava sofrendo a influência de dois espíritos desencarnados que afetavam sua saúde física.

Um desses espíritos era recém-desencarnado. Sujeito simples, que vivera de plantar e colher. Morara em pequeno casebre em torno do qual havia uma horta. Desencarnara devido a problemas abdominais, sua casa foi derrubada, e no local foi construída uma residência maior e mais moderna, onde o tal parente foi morar.

O espírito não sabia que já havia desencarnado e continuava por lá. A mente "primitiva" conservava fortemente a ideia da moradia e da horta. E isso fez que ele construísse com a mente um lugar semelhante ao que habitara, a ponto de lá continuar morando.

Dna. Ivone foi convocada durante o sono físico para a tarefa de esclarecimento. Teria facilidade de ser vista pelo necessitado, mas tinha a recomendação para não lhe dar a notícia da morte.

Durante noites e madrugadas consecutivas, lá estava ela para conversar. Começou por aproximar-se e ouvir sua história. Chegou a conquistar sua confiança e a propor que fosse a um hospital (da vida espiritual, naturalmente) para tratar das dores do abdome. Mas ele recusava, alegando que não podia se afastar sem prejuízo do seu "ganha-pão".

Depois de dois meses de tentativas, o espírito estava mais conformado, mais forte, mas ainda necessitado do tratamento no perispírito. Foi então que um amigo espiritual da médium, José Evangelista, ofereceu-se para ajudá-la. No dia combinado, o espírito amigo apresentou-se como um comprador de imóveis. Perguntou a Pedro quanto ele queria pelo terreno. Rindo à toa, ele vendeu a "propriedade" e recebeu em dinheiro! José concluiu o atendimento, encaminhando Pedro ao hospital.

Aproveitamos esta experiência para refletir sobre o trabalho de desobsessão, conforme sugere André Luiz.

Tendo cerca de 10 minutos para o atendimento, impossível convencer espíritos com conversas demoradas. É preciso atingir o seu centro de interesse.

Nesse caso, fica evidente que, se a alternativa da "compra" fosse usada no primeiro dia de conversa, o espírito estaria em tratamento no hospital dois meses antes.

Aí, então, ter-se-ia todo o tempo do mundo para nosso amigo receber todas as informações de que necessitasse.

VOCÊ TEM SONHADO ULTIMAMENTE?

Este caso foi encaminhado de maneira muito peculiar e certamente pela intuição do mundo espiritual.

O comunicante apresentava-se um pouco agressivo, dizendo que não queria falar e que ia embora. Precisava continuar o "serviço" pelo qual era responsável. Não adiantaria o que fosse ouvir e insistia em ir embora.

O esclarecedor indagou se ele estava sonhando muito ultimamente e se no sonho ele ouvia alguma voz dizendo algo. O espírito espantou-se com a questão, pois na realidade costumava ouvir vozes, mesmo acordado.

O esclarecedor perguntou se ele reconhecia a voz. Ele informou que não,

mas ficou curioso com a possibilidade de ficar sabendo quem era o responsável pela voz.

O caso teve prosseguimento com o esclarecedor solicitando o apoio fluídico do grupo e dos espíritos para que ele tivesse a percepção visual dilatada. Passados alguns minutos, ele acabou por ver uma luz intensa. Reclamou da claridade, mas foi persuadido que fizesse o esforço possível da acomodação visual de quem se acostuma com a luz, até que, por fim, ele viu o irmão e reconheceu o responsável pela voz invisível que o seguia.

UM ESPÍRITO DE POUCAS E MUITAS PALAVRAS!!!

O espírito começou dizendo em voz alta o seguinte:

—*Não quero falar, não quero falar, não quero falar, não quero falar, não quero falar, não quero falar, não quero falar, não quero falar, não quero falar, não quero falar, não quero falar.*

(Dada a insistência inusitada do espírito, o esclarecedor esperou o momento em que o médium precisou respirar e disse:)

— Você tem certeza de que não quer mesmo falar?

— *Não quero falar, não quero falar, não quero falar, não quero falar, não quero falar, não quero falar, não quero falar, não quero falar, não quero falar, não quero falar, não quero falar.*

— Já que você não quer falar, lamento, mas vamos ter de sedá-lo.

— *Não quero dormir, não quero dormir, não quero dormir, não quero dormir, não quero dormir, não quero dormir, não quero dormir, não quero dormir, não quero dormir, não... quero... dormir, não... quero... dor..., não... quero..., não... que, não....*

(Sedado pelos mentores, o espírito voltou reclamando na semana seguinte, mas aí quis saber como, por que, etc., e o diálogo acabou acontecendo.)

ISSO NÃO É JUSTO

Tratava-se de uma mulher que começou dizendo:

— *Isso não é justo.*

(Sem maiores informações do porquê, o esclarecedor fez a pergunta:)

— O que não é justo?

— *Na época em que os meus filhos, ainda pequenos, mais precisam de mim, eu não estou lá para ajudá-los.*

(A mulher já sabia que estava desencarnada.)

— E por que você não pode ajudá-los?

— *Porque eu morri e meu marido pôs outra mulher para cuidar deles.*

(Aqui o esclarecedor propôs a Tela Mental sem falar o termo, mas sugerindo aos mentores e ao espírito a possibilidade.)

— Já considerou a hipótese de o que aconteceu ter sido justo?

— *Como pode ser possível?*

— Observe, você vai ver alguma coisa.

.....

(É preciso dar um tempo para acesso à memória do passado, e, como demorou um pouco, o esclarecedor perguntou:)

— Vê alguma coisa?

— *Sim, estou vendo.*

— O que aconteceu?

— *Eu estou vendo uma outra vida...*

— Sim...

— *Eu era casada com o mesmo marido...*

— Sim...

— *Eu... tinha os mesmos filhos.*

— E então...

— *Eu abandonei a família, marido e os filhos...*

— !!!

— *A mesma mulher que hoje me substitui estava lá com eles.*

— E você agora entendeu o porquê da separação?

— *Acho que sim.*

(Aqui o esclarecedor achou necessário comentar a ação das leis de Deus e continuou...)

— Veja, Deus não pune nem premia, apenas nos faz passar pelas consequências dos nossos atos. Não há, portanto, a intenção de castigá-la, mas de ensinar. Como teremos outras vidas, depois dessa separação que agora a impede de estar com os filhos, você vai desejar muito, muito estar com eles. E aí, uma outra oportunidade lhe será oferecida e você não mais abandonará a família.

A mulher chorou.

(O esclarecedor se preparava para acrescentar que a oportunidade iria acontecer, mas não podia lhe dar uma perspectiva de tempo, quando a mulher disse:)

— *Estão me dizendo que a mulher que cuida dos meus filhos foi consultada...*

— Sobre?

— *Se eu quiser nascer já, posso ficar ao lado dos meus filhos como irmã deles... Ela me aceita como filha.*

— E o que você escolhe fazer?

— *Já que não posso ser a mãe deles, eu quero ser a irmã.*

— Alguém então deve se apresentar a você para encaminhá-la e preparar para o novo nascimento.

— *Já está aqui.*

— Então vá.

A CANTORA

O espírito de uma mulher começou cantando.

Procurando falar sobre o que o espírito estava fazendo, e parecia gostar, o esclarecedor começou:

— Você gosta mesmo de cantar, não é?

— *Ah... e como gosto!*

— É muito bom quando a gente tem uma habilidade e a usa bem.

— *É... eu uso para atrair os incautos.*

(Como a informação não era clara, o esclarecedor perguntou:)

— De que incautos você está falando?

— *Eu fui contratada para atrair esses homens que morrem... Atraí-los para fazer trabalho escravo.*

— Quem contratou você?

— *Meus chefes reconheceram meus talentos. Agora eu sou importante!*

(Aqui o esclarecedor quis tirar o foco dos espíritos que a subjugavam e mudou o assunto para a sua menos-valia, que só foi revelada nesse instante, e tentar descobrir os porquês, pois parecia estar aí a chave do problema.)

— Por que só agora você é importante?

— *Meu pai não gostava de mim. Me expulsou de casa. Todo mundo me rejeitava e eu nunca fui nada. Tive de cair na prostituição para sobreviver. Às vezes, era convidada para cantar.*

— E agora?

— *Agora eu sou sempre requisitada. Todos lá me respeitam.*

(A mulher tinha baixa autoestima por causa de um pai opressor; o esclarecedor quis saber se alguém em sua vida, talvez na infância, teve respeito por ela.)

— Quando você estava do lado de cá, ninguém a respeitou?

— *Não, ninguém.*

(Aqui o esclarecedor acreditava que não era possível alguém nascer sem um propósito e sem alguém que pudesse influir decisivamente em sua vida, e insistiu:)

— Você tem certeza disso?

— *Sim.*

— Não se lembra de ninguém?

— *Não.*

— Faça um esforço.

(Nesse instante, o esclarecedor pediu, sem palavras, ajuda à mentoria para que a memória da última encarnação fosse acessada num ponto desejável e deixou um tempo para que os mentores agissem.)

.....

— *Aaaaaah.... agora, eu estou lembrando.*

— De quem?

— *Da minha professora...*

— Sua professora?

— *Ééééé... Foi ela quem me ensinou a cantar. Que saudade! Foi a única pessoa que gostou de mim...*

(Aqui a mulher recorda saudosa a professora responsável por desenvolver sua habilidade e, enquanto o esclarecedor dava tratos à bola para seguir em frente com a investigação, aconteceu uma coisa importante, e o espírito falou:)

— *Nossa...!*

(Como a frase não saiu, o esclarecedor perguntou:)

— Nossa... o quê?

— *Eu estou ouvindo uma música!*

— Música?

(Aqui, os mentores, que sabem tudo sobre a mulher, ajudaram o esclarecedor, colocando uma música cantada por coral.)

— *É... e é um coral cantando... que coisa maravilhosa... eu... queria tanto fazer isso.*

(Nesse instante, a mulher pronunciou a frase-chave.)

— Você gostaria de cantar em um coral, é isso?

— *É tudo o que eu quero.*

— Bem, então acho que alguém tem um convite a lhe fazer.

(Aqui o esclarecedor está chamando indiretamente alguém da mentoria para interferir e fazer o convite para que ela cante no coral.)

— *É um maestro. Ele está me convidando para cantar...*
— Então vá com ele.

Não foi preciso investigar a ação dos espíritos perseguidores, pois uma nova vertente da conversa foi oferecida pelo espírito ao esclarecedor. Este optou por falar de coisas que a mulher gostava, o que torna mais fácil o convencimento. Alterado o foco da conversa inicial, a solução natural estava no decorrer da conversa.

UM CASO SURREAL

Este caso aconteceu de modo a nos ensinar que uma mediunidade inicialmente anímica pode desembocar mais à frente numa autêntica intermediação.

O Espírito Áulus em *Nos Domínios da Mediunidade* (capítulo 22, "Emersão do passado", edição FEB), nos alerta para o perigo de considerar o animismo um mal, quando é apenas um estágio anterior à mediunidade: "Devemos tratar esta senhora (com animismo) com a mesma atenção que ministramos aos sofredores que se comunicam."

.....

"Um esclarecedor sem tato fraterno pode apenas lhe agravar o problema."

.....

"Pela enfermagem espiritual bem-conduzida, reajustar-se-á pouco a pouco, retomando o império sobre si mesma, e capacitando-se para o desempenho de valiosas tarefas mediúnicas mais tarde."

Há quase 20 anos, tivemos um aprendiz que, durante o exercitamento mediúnico, apresentava certa semelhança nas comunicações que recebia. Essa semelhança é uma característica das pessoas que não têm a mediunidade totalmente aflorada. Há, então, um componente anímico inicial que apenas precisa ser tratado como natural. Com o exercício perseverante, a mediunidade evolui e entra em ritmo normal. Havia outro fato que também ajudava o aprendiz de médium, que era a sua dedicação em tarefas assistenciais. Com muita chance de acerto, ele foi convidado a fazer parte de um dos grupos mediúnicos da Casa como médium falante.

As reuniões se sucederam e as experiências iam aos poucos amadurecendo aquela mediunidade e, um dia, no transe mediúnico, um espírito começou a falar:

— *Chiiiiiiiiii!!! Agora eu fiquei pequeno...*

— ?

(O esclarecedor só ouvia.)

— *Chiiiiiiiiii!!! Agora voltei ao normal...*

— ?

(O esclarecedor continuava só ouvindo para tentar entender o que estava sendo dito na história.)

— *Chiiiiiiiiii!!! Agora estou todo escuro...*

— ?

— *Chiiiiiiiiii!!! Agora voltei ao normal...*

— ?

— *Chiiiiiiiiii!!! Agora estou grudado outra vez na árvore...*

(Ao ouvir o espírito com atenção, apesar de confusa, a história tinha os elementos necessários para a solução do problema.)

— Mas você é anão?

— *Não, tenho tamanho normal, mas quando estou grudado fico pequeno e escuro...*

— Você tem pele escura?

— *Não, eu sou branco.*

(As duas últimas respostas deram a certeza ao esclarecedor do que havia acontecido, e ele perguntou:)

— Você levou um choque?

(Nesse instante, o espírito lembrou o que havia acontecido e, ato contínuo, começou a sentir de novo a sensação de ter sido eletrocutado.)

— *É isso... é isso... eu levei um choque... estou sentindo o choque de novo... ai, meu Deus... socorro...*

— Você já levou o choque. Está só se lembrando dele.

— *Como assim?*

— Um choque de alta voltagem elimina a água do corpo instantaneamente e o deixa todo queimado. Isso já aconteceu. O que você sente agora é apenas uma repercussão.

— *Você quer dizer que eu morri eletrocutado?*

— Quero dizer que você passou para o outro lado da vida eletrocutado. Você pensa, fala, ouve, sente... nunca esteve tão vivo. O corpo espiritual que sobrevive à morte está intacto. Procure examinar-se.

— *É... eu tenho um corpo normal.*

— Sim, normal.

— *E o que eu faço agora?*

— Vamos chamar um acompanhante para você conhecer como funciona a vida espiritual. Assim que ele chegar, me avise.

— *Está vindo alguém.*

— Parece confiável?

— *Ele sorri para mim.*

— Então vá. Vocês têm muito a conversar.

POSSO PEDIR SÓ MAIS UM FAVORZINHO?

— *...ocê...ode...me...irar...um... oquinho?*

(O espírito viu o esclarecedor se aproximando e fez essa pergunta a ele.)

— Eu não entendi direito o que você quis dizer. Procure repetir bem devagar o que disse.

— *...ocê...ode...me...irar...um... oquinho?*

(Não houve nenhuma mudança na forma de dizer, a não ser no volume da voz, e aí o esclarecedor entendeu o que acontecia.)

— Você quer que eu vire você um pouquinho, é isso?

— *hum... hum... é...*

— Muito bem, vou fazer isso bem devagar. Quando você estiver na posição, me avise. (Técnica da Transferência)

— *?*

(Como o espírito não falasse, o esclarecedor perguntou:)

— E então, está bom assim?

— *hum... hum... tá...*

(Nessa altura da conversa, dava para perceber que a pessoa se sentia entubada num leito de hospital ou num pronto-socorro, e o esclarecedor continuou:)

— Olha, eu vou tirar o tubo bem devagar para não machucar você... Quando se sentir livre, me avise.

— *Aaaaaahhhh..... obrigada, doutor. Agora eu estou muito melhor.*

(Aqui há duas informações importantes: com o termo "obrigada", caso o médium não tenha se enganado, o espírito é de uma mulher e ela também confundiu com um doutor do local onde estava.)

— E então, tem mais algum pedido a fazer?

— *Doutor, eu estou me sentindo mais forte. Acho que o senhor trocou os medicamentos.*

— Sim, fizemos isso.

— *Doutor... eu gostei do senhor, mas do outro médico que vinha aqui eu não gostava. O senhor é muito simpático.*

— Obrigado.

— *Doutor?*

— Sim.

— *Dá pro senhor fazer mais um favorzinho?*

— Sim, é claro.

— *O senhor pode me encostar na cabeceira da cama?*

— Sim, vamos lá. Bem devagar... quando você estiver na posição que deseja, me avise.

— *Assim está bom.*

(Atenção: o esclarecedor não toca no médium, porque não tem acesso ao corpo espiritual mais sutil, mas os mentores o fazem sem problemas. Isso é com eles. O esclarecedor apenas verbaliza.)

— ?

(O esclarecedor ainda não sabe como abordar a questão e dá tempo ao tempo para que a conversa acrescente novas informações.)

— *Doutor?*

— Diga.

— *Dá pro senhor fazer mais um favorzinho?*

— Sim, claro.

— *Eu estou me sentindo tão bem que eu queria tentar sentar-me à cama e colocar os pés no chão. O senhor me ajuda?*

— Sim, vamos lá... devagar... e aí...?

— *Está bom assim. Aaahhh, há muito tempo eu não punha os pés no chão.*

— ?

(O esclarecedor está esperando a dica.)

— *Doutor?*

— Pois não.

— *Dá pro senhor fazer mais um favorzinho?*

— O que você quer agora?

— *Eu queria tanto ficar em pé, mas não sei se aguento. O senhor me segura?*

— Eu vou pegar em você e levantá-la... Me avise quando estiver bom.

— *Assim... assim... não me solte...*

— ?

— *Doutor?*

— Sim...

— *Dá pro senhor fazer só mais um favorzinho?*

— O que você quer?

— *Eu estou me sentindo tão bem que... daria pro senhor andar comigo um pouquinho?*

— Dá, sim... vamos lá... no seu ritmo... bem devagar...

— *Doutor, dá para pedir só mais um favorzinho?*

— Dá, sim. O que você quer agora?

— *Dá para o senhor abrir a janela para mim?*

— Vou abrir, sim...

— *Aaaahhh, que bom respirar ar puro. Doutor...*

— Sim...

— *Até agora o senhor não me disse nada. Eu estou tão bem, que parece que estou curada!!!*

— É verdade, você está curada.

(Você não diria a ela que tem duas notícias para dar... uma boa e outra ruim. A boa é que ela está curada, a má é que ela morreu. Deixe-a curtir este momento mágico de recuperação da saúde. Ela já está do outro lado e terá muito tempo para descobrir que fez a grande passagem.)

— *Doutor?*

— O que é?

— *Só falta agora o senhor me dar alta.*

(Aqui está a dica, e o esclarecedor aproveita para introduzir alguém da vida espiritual que vai fazer isso.)

— Eu não tenho autorização para fazer isso. Mas a pessoa responsável pelo plantão vai entrar a qualquer momento para lhe dar alta. Enquanto isso, vou fazer algumas anotações no seu prontuário.

(Aqui o esclarecedor dá um tempo para que algum espírito se apresente.)

— *Doutor, doutor!!!!*

— O que é?

— *Chegou quem vai me dar alta, e é uma linda e sorridente doutora.*

— E o que ela diz?

— *Disse que eu estou de alta.*

— Então, vá com ela.

HA, HA, HA, PARECE PIADA

Este caso aconteceu num dia chuvoso em que o trânsito de São Paulo acabou evitando grande parte dos trabalhadores de chegarem a tempo à reunião.

Havia três a quatro companheiros encarnados quando a reunião começou.

— *Ha, ha, ha. Parece piada.*

— O que parece piada?

— *Me disseram que vocês estão nos atrapalhando, ha, ha, ha.*

(O espírito ria alto)

— Quem disse isso?

(Investigando...)

— *O meu chefe.*

— O seu chefe?

— *É... o meu chefe. Quando eu chegar com a notícia, que vocês são quatro pessoas, ele vai rir também.*

— Mas se você diz que nós estamos atrapalhando, não é estranho que estejamos conseguindo isso com tão pouca gente?

— *Ué... eu não tinha pensado nisso. Como é que vocês fazem, então?*

(Aqui o espírito demonstrou curiosidade e o esclarecedor aproveitou a dica.)

— Você está vendo apenas os que estão encarnados.

— *E os outros?*

— São espíritos como vocês.

— *E onde estão eles?*

— Aqui.

(O esclarecedor é reticente, informando aos poucos e gerando ainda mais curiosidade no espírito.)

— *Você está brincando comigo.*

— Não estou, não. Você é que não tem como perceber sem ajuda.

— *Que ajuda?*

— Nós podemos melhorar as suas condições de percepção visual e auditiva.

— *Como se faz isso?*

— Como se faz eu não sei explicar, porque são os espíritos que você não vê que vão fazer isso.

— *Só acredito vendo.*

— Pois então se prepare para ver.

..... (dando um tempo para a ação dos mentores)

— *Nossa...*

— Está vendo alguma coisa?

— *Quanta gente...*

— E então...

— *Agora eu estou perdido...*

— Por que você diz isso?

— *Como é que eu vou dar essa notícia ao meu chefe?*

— Mas você não precisa voltar lá.

— *Mas se ele descobrir, eu estou frito...*

— Temos como esconder e preservar você desse reencontro.

— *Como?*

— Você não acreditava que éramos muitos. Acredite agora que temos como escondê-lo.

— *Então o que eu faço?*

— Alguém deve se destacar a você para orientar. Me avise quando...

— *Já está aqui.*

— Então, vá em paz.

CAPÍTULO 6

— Harmonia
(A formação dos grupos mediúnicos)

Em alguns seminários, dirigentes e participantes têm solicitado orientações no sentido da formação de grupos mediúnicos.

Formar e manter grupos mediúnicos em serviço por dez, 20, 30 anos, mantê-los com o mínimo de rotatividade de seus participantes, não é uma tarefa simples.

Resolvemos, então, contar um pouco do que fazemos, alertando, antes de mais nada, que não temos grupos perfeitos, mas temos grupos com pouca rotatividade, o que, ao longo do tempo, acarreta certa harmonia entre seus participantes. Isso também não quer dizer que grupos com menos tempo não tenham harmonia.

Alguns dirigentes espíritas são considerados formadores de "panelinha". A panelinha ocorre quando não há critérios técnicos e administrativos claros a ponto de não causar nenhuma dúvida entre os postulantes ao trabalho.

Toda Sociedade Espírita deve ter regulamentos claros. A Sociedade Parisiense tinha o seu.

Allan Kardec, no capítulo 30 de *O Livro dos Médiuns,* informa o regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Destacamos alguns artigos:

Artigo 2 – Composição
— membros titulares
— sócios livres
— membros correspondentes
Artigo 3 – A Sociedade só admite:
— iniciados nos seus princípios
— interessados em instruir-se
Artigo 4 – A Sociedade não admite:
— quem possa ser motivo de perturbação
— opositores sistemáticos
Artigo 5 – Para ser admitido é necessário:
— ser sócio livre por um ano
— assistir a mais da metade das reuniões
— dar provas de sua adesão aos princípios
— apoio de três membros titulares

Em *O Livro dos Médiuns* temos, também, nos itens 330 e 331, as características de uma reunião séria:

1 – Cada indivíduo é cercado de certo número de companheiros invisíveis de caráter semelhante.

2 – Toda pessoa que entre numa reunião espírita leva consigo espíritos que lhe são simpáticos.

3 – Assim, toda pessoa e seus acompanhantes podem exercer sobre a reunião e sobre as comunicações uma boa ou má influência.

4 – Uma reunião perfeita seria aquela em que todos os membros só levassem consigo espíritos bons.

5 – Na falta da perfeição, a melhor reunião será aquela em que o bem supere o mal.

6 – Uma reunião é um ser coletivo, cujas qualidades são a soma dos seus membros.

7 – Ora, um grupo será tanto mais forte quanto mais homogêneo for.

E na *Revista Espírita* de junho de 1862, vamos encontrar a seguinte advertência de Allan Kardec sobre homogeneidade: "Sem homogeneidade, não há união simpática entre os membros, não há relações afetuosas; sem união, não há estabilidade; sem estabilidade, não há calma; sem calma, não há trabalho sério; de onde concluímos que a homogeneidade é o princípio vital de toda reunião espírita."

Em nossa Casa Espírita, o regulamento é o que está no livro *Desobsessão,* de André Luiz. E assim todos os colaboradores sabem, depois do treinamento, quais são as regras: antes, durante e após as reuniões. Normas claras e objetivas são fundamentais em um grupo mediúnico.

Para se conseguir harmonia e homogeneidade, é preciso que os dirigentes da Casa Espírita tenham um regulamento para admitir e aferir a qualidade técnica dos colaboradores das reuniões mediúnicas.

Não se está querendo excluir ninguém da possibilidade de trabalhar nessa atividade. Estamos sugerindo que o trabalhador nessa seara tem de apresentar habilidades para isso.

Alguns critérios precisam ser estabelecidos para os candidatos à mediunidade. Exemplo: frequência no curso de preparação mediúnica, sem atrasos, com postura adequada durante o trabalho de estudo e no prático, observar aqueles que trazem sempre um livro para leitura antes dos trabalhos, etc.

Mas não é só.

Cabe ao dirigente do grupo criar motivação adequada aos trabalhadores.

Conhecemos um grupo com 28 anos de existência, no qual quatro colaboradores têm 28 anos de serviço, dois têm 25, três têm 20 e os quatro restantes com o tempo variável de dez a 15 anos. A pessoa mais nova do grupo tem dez anos de trabalho. Podemos dizer que este grupo tem baixa rotatividade e que grupos com esta característica têm uma probabilidade maior de se manter estáveis, do ponto de vista de sua composição. Não é um grupo perfeito, mas tem características mínimas de estabilidade e harmonia adquiridas pelo tempo de serviço.

O grupo candidato ao trabalho mediúnico deve fazer, além do estudo teórico sobre mediunidade, o treinamento ou exercitamento prático, que deve durar pelo menos um ano, com reuniões semanais.

Os dirigentes devem sempre criar um 'clima de aceitação de erros', para que todos aprendam com eles. Assim, o esclarecedor dirigente da reunião mediúnica precisa e deve informar quando tem alguma dificuldade no atendimento. Isso é salutar para todos os esclarecedores que vão se observar mais, sem achar que são imunes ao engano. É preciso aprender com os chamados 'erros'.

Atitudes que podem provocar desarmonia nos grupos:

É bom estarmos atentos às atitudes que são inadequadas em grupos mediúnicos. Abaixo relacionamos alguns dos inconvenientes que devem e precisam ser evitados entre os componentes. Associamos aos inconvenientes nomes e sobrenomes fictícios que dizem respeito ao comportamento do colaborador.

Com o apoio do desenhista Rogério Soud, os personagens foram e ainda estão sendo desenhados para ilustrar com bom humor as situações a ser evitadas. Alguns dos personagens estão no livro. Por questões de custo da impressão, apenas 14 personagens, dos mais de cem já concebidos, estão ilustrados. E os dirigentes podem relacionar estes inconvenientes para orientar os médiuns novatos e os em serviço ativo.

Um detalhe: alguns dos nomes abaixo foram baseados em minha própria conduta no trato com os espíritos.

Médiuns esclarecedores

- Tássia Shando – acha que sabe tudo sobre esclarecimentos;
- Elison de Morales – gosta de dar lições de moral aos espíritos;
- Rolando Lero – fala muito mole;
- Carlota Garela – fala sem parar;
- Hellen Costa – encosta no médium falante, durante o transe mediúnico;
- Hamal Ahlitu – tem mau hálito e não se cuida;
- Tchuviz Spitz – saliva muito quando fala (chuveirinho);
- Hermeto Amano – agressivo com os espíritos;
- Epitáfio Furtado – gosta de dizer que o espírito morreu sem avaliar a maturidade do comunicante;
- Previsio Nário – adivinha ou antecipa o que o espírito vai ver;
- Aquino Calisto – pega "no pé" do comunicante;
- Nicola Justus – chega invadindo o espaço do médium falante;
- Mínimos De Talles — explica demais o que vai acontecer;
- Florindo Papus – fala de maneira rebuscada e sem objetividade;
- Ironildo Mote – ironiza as observações feitas;
- Abraão Chagas – fala só dos defeitos do espírito;
- Faler Herrauds – fala muito errado;
- Olivetter Rorista – usa terrorismo para convencer;
- Afungano Kangotte – respira e fala muito junto do rosto ou do nariz do médium;

- Debruce Lee – debruça à frente do médium;
- Santoro Anjustino – fala uma coisa e faz outra;
- Iníbio Viggiano – dirigente que interfere toda hora junto aos outros esclarecedores;
- Yoná Matopeia – usa muitas figuras de linguagem no diálogo;
- Joviro Amezza – desafia o espírito;
- Melissa Rangel – usa sapato que range no dia da reunião;
- Eufrásia Prontta – insiste em usar 'chavões';
- Oscar A. Mello – usa e abusa dos adjetivos;
- Zenaide Sttuda Pocco – não estuda continuamente;
- Sem nome definido – demora em liberar o espírito (já esclarecido);
- Sem nome definido – exige pedido de perdão do espírito;
- Evacila Nora – não controla o tempo de atendimento.

Médiuns falantes

- Odete Remotto – não controla fisicamente o espírito;
- Altus Bradus – não controla o volume da voz;
- Kamir Zeta – veste-se inadequadamente (camiseta cavada e bermuda);
- Armando Guerra – interfere a favor do espírito agressivo contra o esclarecedor;
- Obicide Adams – médium obsidiada;
- Taiso Konamezza – não controla as mãos sobre a mesa;
- Ymita Nadadenovick – tem o hábito de imitar outros médiuns;
- Nilbo Cachula – não controla verbalmente o espírito e usa palavras de baixo calão;
- Carmono Ydea – só recebe um tipo de espírito (não confundir com especialidade mediúnica);
- Ema Thomas Fadigas – usa doenças como pretexto para faltar.

Médiuns esclarecedores, falantes e de sustentação fluídica

- Fáltima Toldosdias – falta seguidamente ao trabalho sem motivo justo;
- Chico Xilo – dorme durante a tarefa;
- Hipersen Silvio – melindra-se com qualquer observação;
- Noé Pramim – não está convencido do que faz;
- Consuelo Tardichega – atrasa-se sempre para chegar à reunião;
- Pérola Colares – usa joias em excesso e decotes inadequados;

- Aromar Tizzado – usa perfume em excesso;
- Dirceu Lulário – esquece o celular ligado;
- Anúncio Caso – comenta os casos atendidos em qualquer ambiente;
- Aristobo Sejus – boceja sem controle emitindo ruído alto;
- Atuíno Portuno – conversa, fala alto, faz piadas no ambiente da reunião;
- Gertrudes Mazzelo – posiciona-se com desmazelo;
- Adiano Otrampo – não se decide em colaborar nas atividades sociais;
- Josefa Lapelas Costa – fala o que acha errado, na Casa e no grupo, para todos que encontra, e não avisa nenhum dirigente.

Atitudes que harmonizam o grupo

- Ovídio Seabra – ouve com atenção o espírito;
- Horácio Minutelli – atende em média em 10 minutos;
- Antenório Ligadício – está sempre atento ao que o espírito fala;
- Jacy Mancoll – desconfia quando faz algo inadequado e comenta sua experiência com os demais esclarecedores;
- Amado Placência – é paciente com os espíritos agressivos;
- Visitano Amico – faz visita a enfermos e, com isso, desenvolve a sensibilidade;
- Servílio Ynobben – está sempre ativo no serviço social;
- Marcos Dias – não vê a hora de chegar a próxima semana para trabalhar.

Benefícios da Desobsessão

E terminamos com uma orientação do Espírito André Luiz, no capítulo 64 do livro *Desobsessão:*

"A desobsessão não auxilia apenas os desencarnados. Beneficia a eles, a nós, e aos que nos partilham a experiência cotidiana, dentro ou fora do reduto doméstico, e nos lugares em que temos influência."

.....

"Através dela, desaparecem doenças-fantasmas, empeços obscuros, insucessos, etc."

Bom trabalho.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – FEB
Revista Espírita de 1862 – Allan Kardec – FEB
Nos Domínios da Mediunidade – Francisco Cândido Xavier – André Luiz – FEB
Desobsessão – Francisco Cândido Xavier – André Luiz – FEB
Diálogos com as Sombras – Hermínio C. Miranda – FEB
Libertação – Francisco Cândido Xavier – André Luiz – FEB

BIBLIOGRAFIA ADICIONAL PARA CONSULTA

Obsessão & Desobsessão – Suely Caldas Schubert – FEB
Histórias que os Espíritos Contaram – Hermínio C. Miranda – Leal
A Dama da Noite – Hermínio C. Miranda – Correio Fraterno do ABC
O Exilado – Hermínio C. Miranda – Correio Fraterno do ABC
A Irmã do Vizir – Hermínio C. Miranda – Correio Fraterno do ABC
Diário de um Doutrinador – Luiz Gonzaga Pinheiro – EME
Doutrinação – Diálogos e Monólogos – Luiz Gonzaga Pinheiro – EME
Doutrinação – A Arte do Convencimento – Luiz Gonzaga Pinheiro – EME

Ilustrações

Representando comportamentos de:

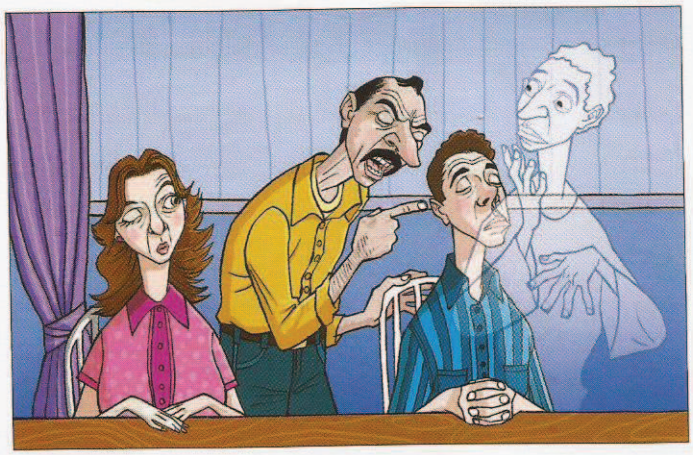
Médiuns esclarecedores,
Médiuns falantes
Médiuns de sustentação fluídica

Américo Sucena

Médiuns Esclarecedores

Tássia Shando

(Vide pág. 92)



Elison de Morales

(Vide pág. 92)

Médiuns Esclarecedores

Hermeto Amano
(Vide pág. 92)

Aquino Calisto
(Vide pág. 92)

Américo Sucena

Médiuns Esclarecedores

Carlota Garela

(Vide pág. 92)

Epitáfio Furtado

(Vide pág. 92)

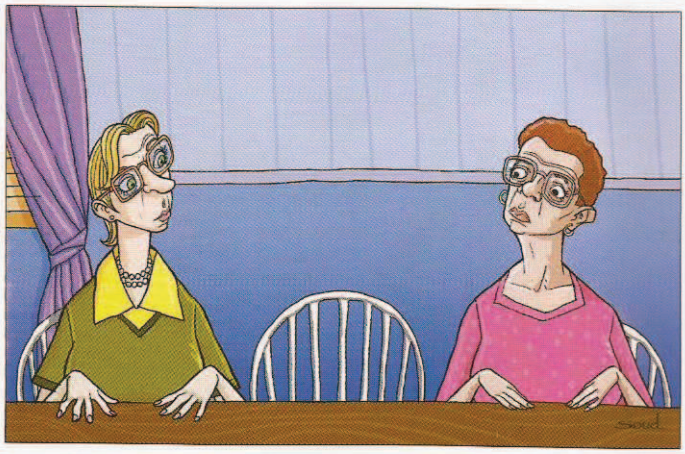
Médiuns Esclarecedores

Afungano Kangotte
(Vide pág. 92)

Mínimus de Talles
(Vide pág. 92)

Américo Sucena

Médiuns Falantes



Fáltima Toldosdias

(Vide pág. 93)

Odete Remoto

(Vide pág. 93)

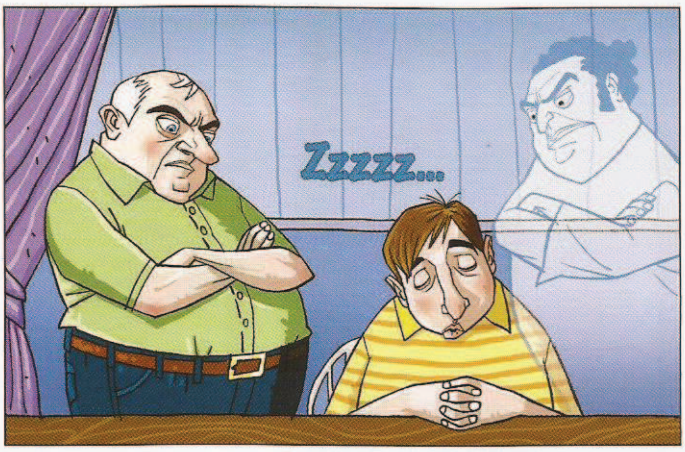
Médiuns Falantes

Pérola Colares
(Vide pág. 93)

Armando Guerra
(Vide pág. 93)

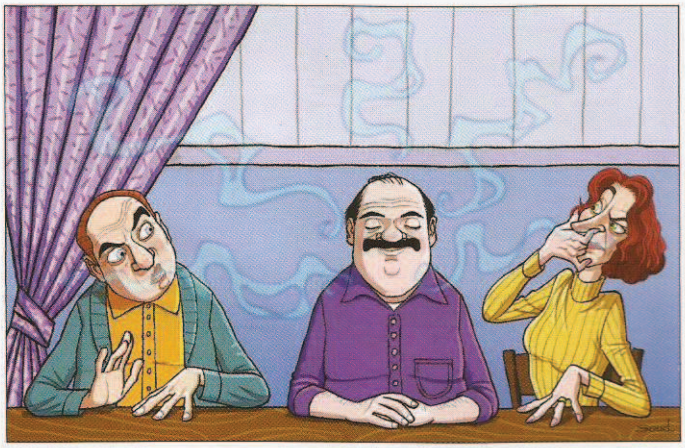
Américo Sucena

Médiuns de Sustentação Fluídica



Chico Xilo

(Vide pág. 93)



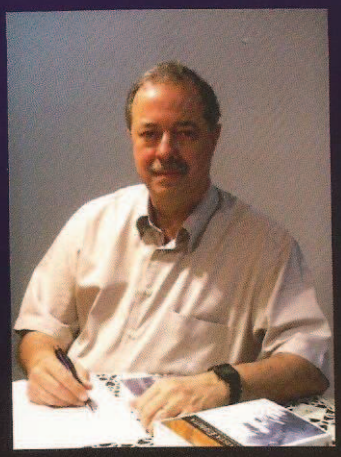
Aromar Tizzado

(Vide pág. 94)

Médiuns de Sustentação Fluídica

Dirceu Lulário
(Vide pág. 94)

Aristobo Sejus
(Vide pág. 94)



Os diálogos transcritos comovem pela observação real de que o mais importante é liberar o desencarnado do condicionamento que trava seu avanço antes de tentar convencê-lo, doutriná-lo ou pretender que ele conheça a própria realidade durante os poucos minutos de atendimento.

Américo Sucena nasceu em São Paulo e integra a Sociedade Espírita Mãos Unidas, além de participar da programação da Rede Boa Nova de Rádio. O autor também se dedica ao Projeto Imagem, que visa facilitar o trabalho de expositores em suas palestras pelo uso de imagens e ilustrações virtuais, com motivação adicional ao estudo e entendimento dos ensinos espíritas.

Como bem atender e encaminhar espíritos que se apresentam em dificuldades psicológico-morais nas reuniões de tratamento mediúnico ou condicionados a sofrimentos e traumas ocorridos durante o processo de desencarne?

Esta é uma obra diferente, de proposta inédita na literatura kardecista. Trazendo dicas, técnicas e comoventes casos vividos pelo autor durante décadas, *Falando com os Espíritos* busca facilitar, formar e reciclar o valioso trabalho dos esclarecedores nas reuniões mediúnicas.

A obra também faz uso de ilustrações coloridas para facilitar ainda mais o entendimento desse notável trabalho de amor e solidariedade a irmãos que já se encontram do outro lado da vida.

ISBN 978-85-7867-003-0

9 788578 670030